











O ARQUIVO MONTENEGRO E A GUERRA DO PARAGUAI:

REGISTROS TEXTUAIS E ICONOGRÁFICOS

FRANCISCO DAS NEVES ALVES LUIZ HENRIQUE TORRES

O ARQUIVO MONTENEGRO E A GUERRA DO PARAGUAI: REGISTROS TEXTUAIS E ICONOGRÁFICOS





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



DIRETORIA

PRESIDENTE - FRANCISCO DAS NEVES ALVES
VICE-PRESIDENTE - PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL
DIRETOR DE ACERVO - MAURO PÓVOAS
1º SECRETÁRIO - LUIZ HENRIQUE TORRES
2º SECRETÁRIO - RONALDO OLIVEIRA GERUNDO
1º TESOUREIRO - VALDIR BARROCO
2º TESOUREIRO - ROLAND PIRES NICOLA

Francisco das Neves Alves Luiz Henrique Torres

O ARQUIVO MONTENEGRO E A GUERRA DO PARAGUAI: REGISTROS TEXTUAIS E ICONOGRÁFICOS



- 17 -









UIDB/00077/2020

Lisboa / Rio Grande 2020 Ficha Técnica

Título: O Arquivo Montenegro e a Guerra do Paraguai: registros textuais e iconográficos

Autores: Francisco das Neves Alves e Luiz Henrique Torres

Coleção Documentos, 17

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: Batalha Naval de Riachuelo – Victor Meirelles

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da

Universidade de Lisboa Biblioteca Rio-Grandense Lisboa / Rio Grande, Abril de 2020

ISBN - 978-65-87216-02-7

Os autores:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018) e à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e trinta livros.

Luiz Henrique Torres é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras — História da Literatura (FURG). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou 86 livros.



Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa) Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Faltando-me ainda muitos dados (...) estou resolvido a não sacrificar a obra, apressando-me a publicá-la sem esclarecer minuciosamente todos os sucessos, para o que estou disposto a dedicar toda a minha vida, contanto que ao entregá-la ao público possa dizer: eis a última palavra sobre a tremenda epopeia que dignificou minha pátria em cinco anos de luta contra a tirania.

José Arthur Montenegro

ÍNDICE

O HISTORIADOR JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO, 11

O AUTOR E OS *FRAGMENTOS HISTÓRICOS DA GUERRA DO PARAGUAI*, 34

REGISTROS ICONOGRÁFICOS, 108

O HISTORIADOR JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO

No Brasil da virada do século XIX à centúria seguinte, ainda era comum a figura do "homem de letras", ou seja, um representante da intelectualidade que, mesmo sem formação acadêmica específica, abarcava em suas pesquisas um considerável cabedal de informações oriundas das mais variadas áreas do saber humano, gerando uma produção de conhecimento que mirava a ilustração do público leitor. Nessa linha, vários desses pesquisadores, mormente no que tange aos estudos em torno das humanidades, tiveram ações múltiplas, militando em segmentos variados como o histórico, o geográfico, o literário e o jornalístico, apenas para citar alguns dentre tantos.

Um deles foi José Arthur Montenegro que, ao longo de sua curta vida, se dedicou incansavelmente à pesquisa/coleta de documentos. Embora, algumas incertezas entre seus biógrafos em relação ao ano, ele nasceu em fevereiro de 1864, em Uruburetama, no Ceará. Não há maiores informações quanto à sua formação estudantil, ficando demarcado que, órfão muito cedo, teve de dedicarse ao trabalho ainda bastante jovem. Primeiramente dedicou-se às lides comerciais para, em seguida, voltar-se à vida marítima, viajando pelas costas brasileiras, entre 1878 e 1880, praticando o estudo da pilotagem. Sem condições para continuar a educação naval, deslocou-se para o sul para cursar a Escola Militar de Porto Alegre, onde permaneceu de 1881 a 1884.

Dedicou-se à vida militar, com expedições em Santa Catarina, chegando inclusive a ser ferido, e mais constantemente no Rio Grande do Sul, onde atuou em várias ações na fronteira com o Uruguai, como por ocasião de uma revolução no território oriental, em 1885, e de uma eclosão epidêmica de cólera no país

vizinho, em 1887. Permaneceu no exército, junto ao comando da fronteira e guarnição, até 1889. Neste ano, mantendo-se no Rio Grande do Sul, ingressou na Estrada de Ferro Porto Alegre a Uruguaiana, atuando como amanuense e arquivista. Com a saúde abalada, voltou à sua terra natal, em 1897, vindo a ser secretário da Estrada de Ferro de Baturité. Uma vez arrendada tal empresa, retornou ao Rio Grande do Sul, empregando-se como encarregado de arrecadar o material pertencente à Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana. Posteriormente, passou a secretariar a empresa Southern-Brazilian Rio Grande do Sul, entre 1899 e 1901. Enquanto esteve no sul, estabeleceu moradia na cidade do Rio Grande, onde viria a ocorrer sua prematura morte, causada por tuberculose, aos trinta e sete anos, em abril de 1901.

Tais encargos profissionais garantiam o sustento de Montenegro e o de sua família, mas sua maior vocação estava ligada à pesquisa documental, desenvolvendo uma carreira paralela como historiador e geógrafo, entre outros ramos do conhecimento, de acordo com os padrões intelectuais de então. A vida de pesquisador viria a trazer-lhe significativo reconhecimento, tanto que ele pertenceu a várias instituições acadêmico-intelectuais, em diferentes pontos do Brasil e mesmo no exterior, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, a Sociedade de Geografia de Lisboa, o Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, o Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, o Instituto Geográfico Argentino, o Ateneu de Buenos Aires, o Centro Literário do Ceará, a Academia Cearense, a Associação Guerreiros do

Paraguai, o Instituto de Coimbra e a Associação dos Homens de Letras de Caracas.

O fulcro de suas pesquisas esteve voltado aos estudos sobre a Guerra do Paraguai, aos quais dedicou boa parte de sua vida, embora tenha dedicado também sua atenção para outras temáticas. Sua ação fundamental como pesquisador direcionou-se à coleta de documentos, para a qual desenvolveu verdadeira rede de comunicações com outros estudiosos e militares que participaram da Guerra da Tríplice Aliança. Muitos de seus estudos viriam a ser publicados por meio da imprensa periódica, método muito comum aos pesquisadores de então, quando, diante das dificuldades na edição de livros, o jornalismo servia para difusão/divulgação das pesquisas. Nesse sentido, boa parte da produção intelectual de José Arthur Montenegro foi publicada em diversos periódicos, notadamente sul-rio-grandenses e cearenses. Apesar de sua profícua pesquisa, foram poucas as obras de sua lavra editadas no formato de livros, caso de Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul (1895) e Fragmentos históricos - homens e fatos da Guerra do Paraquai (1900). Sua atuação na coleta de documentos foi também coroada com a publicação de livros por ele traduzidos, introduzidos e/ou anotados, como Resumo da ordenança sobre os exercícios e evoluções dos corpos de infantaria do exército. Parte aplicável à Guarda Nacional (1891), Guerra do Paraguai - memórias de

Mme. Dorothea Duprat de Lasserre (1893), *Guerra do Paraguai – monografias históricas por Juan Silvano de Godoi* (1895) e *O Uruquai* (1900).

Outras pesquisas projetadas por Montenegro foram publicadas, parcial ou integralmente, junto à imprensa, como foi o caso de História da Guerra Chileno-Peru-Boliviana, 1879-1881; Cristóvão Colombo e o descobrimento da América; Efemérides das campanhas do Uruquai e Paraquai, além de vários outros trabalhos. Tais edições ficaram espalhadas por periódicos como os gaúchos Almanague literário e estatístico do Rio Grande do Sul (Rio Grande), Almanague popular brasileiro (Pelotas), A Atualidade (Rio Grande), Correio Mercantil (Pelotas), Diário do Rio Grande (Rio Grande) e Eco do Sul (Rio Grande); os cearenses A República, Revista da Academia Cearense e Almanaque administrativo, estatístico, mercantil, industrial e literário do Estado do Ceará (todos de Fortaleza); bem como no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Outras dentre suas obras projetadas acabaram por permanecer inéditas: História da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai (planeada para oito volumes); Dicionário histórico-geográfico do Estado do Rio Grande do Sul; Dicionário das madeiras do Brasil; As ilhas do Brasil; e Bibliografia do Rio Grande do Sul nos séculos XVIII e XIX².

¹ Obra de José Basílio da Gama, mais conhecida pelo título *O Uraguai*, mas que Montenegro preferiu utilizar *Uruguai*, tecendo explicações para tanto em suas anotações.

² Dados biográficos e bibliográficos elaborados a partir de: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. v. 4, p. 319-322.; STUDART, Guilherme. *Dicionário biobibliográfico cearense*. Fortaleza: Tipografia e Litografia a Vapor, 1913, v. 2, p. 66-73.; e MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto

Para empreender sua obra, o escritor promoveu uma constante comunicação com vários pesquisadores no contexto local, nacional e internacional. Dessa maneira, correspondeu-se com estudiosos e artistas, alguns pouco conhecidos, outros que conquistaram notável reconhecimento intelectual, bem como com alguns dos atores sociais remanescentes em relação aos eventos históricos abordados. Seus contatos iam do pessoal ao institucional, granjeando-lhe também certa notoriedade, daí o pertencimento a tantas entidades culturais em várias partes do Brasil e do mundo. As missivas enviadas por Montenegro, além de promover o intercâmbio cultural, visavam à busca de dados e documentos que, peça por peça, viriam a compor seus estudos.

Mesmo com tal reconhecimento, foram vários os obstáculos que impediram Montenegro de levar à conclusão desejada para suas pesquisas, representada pela edição de livros. Entre eles esteve a necessidade de promover a labuta diária em suas ocupações profissionais, a qual limitava um tempo que poderia ser ainda maior na dedicação às investigações; os altíssimos custos na confecção de livros; os pequenos recursos que serviam precipuamente para garantir a sobrevivência; e a doença que cada vez mais lhe tirava as forças. Ainda que não tenha atingido plenamente seus intentos quanto ao destino final de alguns de seus estudos, o pesquisador empreendeu um trabalho incomparável em termos de levantamento de fontes e obtenção de documentos. Assim, seus esforços levaram à formação de um dos mais importantes acervos

Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Instituto Estadual do Livro, 1978. p. 375-376.

notadamente a respeito da Guerra do Paraguai. O espólio desse incansável trabalho ficaria como uma herança formidável para os pesquisadores e foi reunido pela Biblioteca Rio-Grandense que montou o Arquivo José Arthur Montenegro.

O historiador Abeillard Barreto, notável gestor da Biblioteca Rio-Grandense e autor de uma obra importantíssima notadamente acerca da presença de estrangeiros no Rio Grande do Sul, teve papel relevante na organização de tal Arquivo e por várias vezes buscou realizar a vontade de Montenegro, promovendo a edição dos manuscritos que compunham esse acervo documental. De acordo com essa predisposição, Barreto chegou a organizar apresentações para tais possíveis publicações, as quais acabariam por não se confirmar. Ainda assim, os escritos de Abeillard Barreto³, também ele pesquisador reconhecido no meio acadêmico-cultural brasileiro, permitem um melhor conhecimento do trabalho de José Arthur Montenegro, bem como uma anotação de próprio punho do biógrafo serve para desvendar o ano de nascimento do biografado, questão que chegou a levantar certa controvérsia:

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Num trabalho paciente de reconstituição, que bem se identifica com o metódico e perseverante esforço do autor, pode hoje a Biblioteca Rio-Grandense,

³ BARRETO, Abeillard. *José Arthur Montenegro*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 1957 (datilografado).

da cidade do Rio Grande, entregar à publicidade o texto completo das *Efemérides das campanhas do Uruguai e Paraguai*, do ilustre historiador José Arthur Montenegro, falecido no dia 3 de abril de 1901, nesta cidade litorânea do extremo meridional do Brasil. E pode fazê-lo porque lhe sobrou extrema boa vontade em promover a divulgação desse repositório incomum de notas relativas aos fatos que culminam com a morte de Lopez.

De tudo quanto se tem escrito sobre a luta contra o tirano de Assunção, nada se revestirá, talvez, da mesma ênfase documental que José Arthur Montenegro imprimiu a seus trabalhos. Isto se pode dizer por que seu arquivo foi único, pelas peças originais que encerrou, e quiçá íntegro, pela abundância de provas que coligiu, quer de uma, quer de outra das facções em guerra. Para se ter uma ideia precisa do valor imensurável desse documentário, basta que sejam compulsadas estas *Efemérides*, em que a minúcia dos feitos está sempre a par da probidade com que foram narrados.

Salvando da destruição e do abandono em que se achava o remanescente desse importante arquivo, ainda encerrando verdadeiros tesouros, como, por exemplo, cerca de mil fotografias de oficiais brasileiros, argentinos, uruguaios e paraguaios, além de muitos outros papeis, originais e cópias, de grande significação, a centenária Biblioteca Rio-Grandense pode ufanar-se de haver prestado relevantíssimo serviço ao Brasil, que mais evidente poderá tornar-se, entretanto, se, auxiliada que merece, puder levar a cabo a tarefa de divulgá-los.

Dentro desse critério salutar, já foram cedidos ao Ministério de Guerra, através da ilustrada Comissão Diretora da Biblioteca Militar, algumas centenas

de cópias das aludidas fotografias, tendo sido propiciada também a reprodução de todos os demais retratos já devidamente identificados e catalogados, bem assim das gravuras e dos mapas, alguns destes originais do próprio Montenegro, que se evidenciava como cartógrafo de amplas faculdades.

Cunho indelével imprimiu Montenegro aos seus ensaios pela extrema probidade com que os escrevia. Provas da assertiva temo-las no fato de haver ele antecedido a publicação das *Efemérides* na imprensa diária do país (*Diário do Rio Grande*, Rio Grande, correspondente aos meses de janeiro a fevereiro, e *República*, de Fortaleza, a alguns outros meses), com a seguinte nota: "Darei a conhecer meu livro sobre o Paraguai, provocarei discussão, donde far-se-á luz sobre muitos casos ainda obscuros, e atrairei para o meu arquivo os dados que me faltam".

Mais tarde, em carta endereçada a Sacramento Blake, diria: "Faltando-me ainda muitos dados sobre esta última (*Guerra da Tríplice Aliança*, obra que não chegou a publicar), dados que só poderia ir obtendo com vagar e muito esforço, além de muitos retratos de vultos eminentes de que não posso prescindir, pois, até agora, só obtive 986, estou resolvido a não sacrificar a obra apressando-me a publicá-la sem esclarecer minuciosamente todos os sucessos, para o que estou disposto a dedicar toda a minha vida, contanto que ao entregá-la ao público possa dizer: 'eis a última palavra sobre a tremenda epopeia que dignificou minha pátria em cinco anos de luta contra a tirania'. A publicação das *Efemérides* muito virá auxiliar-me no desempenho do compromisso que tomei perante o país".

Embora na mesma correspondência anunciasse já ter lavrado contrato para a publicação desta obra, com uma tiragem de 6.000 exemplares e entrega dentro de cinco meses, isto é, até fins de 1894, não pode o autor levar a cabo a empresa, supervenientes sempre fatores materiais de ordem econômica a coibila. Nesse sentido, por exemplo, consta dos próprios arquivos da Biblioteca Rio-Grandense um título de dívida de Rs. 2:000\$000, passado por J. Arthur Montenegro em 1897, dando ao credor, em "hipoteca", todos os originais de suas obras já publicadas ou em vias de sê-lo, bem como todo o imenso documentário sobre a Guerra do Paraguai que já reunira.

Indubitavelmente, era essa, até há bem pouco tempo, a situação da generalidade dos intelectuais brasileiros. Mas, para Montenegro, mais graves eram as vicissitudes, pela pertinaz tuberculose da laringe que o acometera. De compleição franzina, trabalhando em excesso, quer no emprego que lhe dava subsistência e à família, para a qual tinha carinhos extremos e as maiores atenções, quer no trabalho esfalfante da pesquisa e coordenação dos documentos, quer ainda em outras diversas e muitas ocupações intelectuais, Montenegro praticamente desgastou-se em quinze anos de atividades múltiplas e ferazes.

Quem percorra ainda hoje os planos, cartas, regulamentos da extinta Estrada de Ferro Porto Alegre – Uruguaiana, pode bem aquilatar o alto valor que tinha como funcionário, pela exação e pelo cuidado posto em qualquer serviço. Não lhe regateava encômios Ayorosa Galvão, apreciador que era das qualidades superiores de seu subordinado. E, mais tarde, quando substituído este pelo Dr.

Bernardo Piquet Carneiro Monteiro, foi Monteiro guindado à posição de secretário da empresa e por ele levado, após, para a Estrada de Ferro de Baturité, onde, sem sucesso, procurou melhoras à saúde.

Já por essa época, as atividades de Montenegro vinham em crescendo vertiginoso. Correspondência, ele a mantinha com os vultos mais notáveis da América do Sul, nas letras e nas artes. A Vitor Meireles expedia notas e criticava particularidades dos esboços que lhe eram submetidos. A Mitre pedia esclarecimentos e os contraditava, para avivar a discussão. Do visconde de Maracaju, de Sacramento Blake, de Taunay, dos barões de Cruz Alta, Santa Marta e São Jacó, como de tantos outros titulares do Império e de inúmeros oficiais superiores do exército aliado, se fizera amigo, e amigo às deveras, deles recebendo testemunhos, documentos importantes, fotografias, etc. do primeiro eram contínuas as oferendas pessoais, talvez só rivalizáveis em minúcias esclarecedoras com os depoimentos prestados por Mitre ou pelo barão do Rio Apa, um dos heróis de Itororó. De Sacramento Blake e de outros muitos médicos e cirurgiões da campanha conquistava a afeição, que lhe redobrava o estímulo.

Tudo isso Montenegro realizava à distância, sem credenciais outras que a do seu trabalho e do grande poder de organização que possuía. Através da correspondência, que se afirma como a de um dos maiores, se não do maior epistológrafo que já teve o Brasil, é que o malfadado historiador patrício construiu um mundo, em derredor da pequena e modesta casa de sua residência.

Coroando dez anos de porfiada luta, o governo de Floriano Peixoto premiou-o com uma viagem ao Rio de Janeiro, em agosto de 1894, a fim de que pudesse compulsar pessoalmente documentos existentes nos arquivos oficiais. Tenho para mim que foram os viscondes de Taunay e Maracaju, bem como o próprio Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que tornaram possível essa imprescindível consulta às fontes documentais da metrópole.

Seria, entretanto, de funestas consequências a viagem, por nela se agravar o estado de saúde do ilustrado historiador. Visitando os barões do Rio Apa, então residentes em Santa Teresa, Montenegro serviu-se de bebida gelada, embora transpirando enormemente. Daí originou-se forte gripe, que minou totalmente aquele organismo já combalido por trabalho exaustivo e impenitente.

Nem por isso, entretanto, cessaria o esforço ou esmoreceria o entusiasmo. Ao contrário, dando-se conta da situação, redobrava-os, esperando ganhar na intensidade o que sabia perdido em extensão. Mas, os encargos de família também cresciam e as edições até então aparecidas se haviam mostrado deficitárias. A vida material procurava absorver quem tanto dela fazia por afastar-se!

É então que segue para o Ceará, em fins de 1897, lá se demorando quatorze meses, até o arrendamento da Estrada de Ferro de Baturité pelo engenheiro Alfredo Noviz. As melhoras, embora algumas não eram, porém, de molde a recomendar a permanência no Estado natal, principalmente por lá ficar inteiramente afastado das principais fontes a que deveria ainda recorrer para a conclusão da *História da Guerra da Tríplice Aliança*. E, assim, voltou para a

cidade do Rio Grande, primeiramente para receber o material da Estrada de Ferro Porto Alegre – Uruguaiana, cujas obras haviam sido suspensas pelo governo a título de economia, e depois em virtude de haver sido contratado pela Southern Brazilian Rio Grande do Sul, empresa cuja secretaria exerceu até a data do falecimento.

Nesses três anos de sofrimento que a vida lhe reservava, nada mais entregou à publicidade, a não ser, já às portas da morte, os *Fragmentos históricos*, registro de episódios vários da Guerra do Paraguai, cuja impressão ficaria pronta justamente às vésperas do falecimento. Essa edição completa, por não ter sido paga antecipadamente, foi vendida pela tipografia, tempos depois, para envolver moedas de cobre, então de uso intensivo no país, constituindo verdadeiras raridades os exemplares, pouquíssimos, em poder de bibliotecas ou particulares. Desaparecendo quase, todavia, a circulação do dinheiro amoedado, um saldo dessa tiragem, de cerca de seiscentos volumes, foi adquirido quarenta anos mais tarde pela Biblioteca Rio-Grandense, que os tem distribuído por muitas instituições nacionais e estrangeiras, como anteriormente já o fizera com outras obras do mesmo autor.

O senhor Afonso d'Escragnolle Taunay, no tomo VII dos tão justamente apreciados *Anais do Museu Paulista*, diz à página 451, referindo-se ao lugar do nascimento do brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, que o "descobriu o modesto e conscienciosíssimo erudito José Arthur Montenegro, que tão formidável material armazenou para o estudo da história da Guerra do Paraguai,

sem que a morte o deixasse valer-se de tão copioso quão rico acervo, penosamente e em longos anos acumulado".

O caso, entretanto, não é bem este. Montenegro lutou sempre com falta de meios. Em 1894, já tinha delineado o esquema da obra principal que se propunha escrever, tanto assim o gizou a Sacramento Blake e ao Conselheiro Araripe, no Rio de Janeiro. Logo no ano seguinte, quando editou a expensas próprias a tradução das *Monografias históricas* de Juan Silvano de Godoy, anunciou o próximo aparecimento da mesma obra, de que estas *Efemérides* já constituíam um extrato. Sete anos, portanto, teriam sido suficientes para o término da obra, que estaria bastante adiantada, pois, além de mapas e gravuras que a ilustrariam, algumas centenas de retratos já estavam até copiados em tamanho único e colados em cartões, impressos com gosto, e destinados à reprodução em clichês.

Posteriormente a essas *Monografias*, somente publicou Montenegro as *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul*, em 1895 — opúsculo cuja tiragem foi quase gratuita, em virtude do interesse que por ela tomou seu grande amigo Alfredo Ferreira Rodrigues, então gerente da Livraria Americana, no Rio Grande — e os *Fragmentos históricos*, cuja edição, como já dissemos, não chegou a ser paga.

Pouco antes da morte, também havia anotado e prefaciado *O Uruguai*, de Basílio da Gama, em edição que fez a Biblioteca Pública Pelotense, comemorativa do 4º centenário do descobrimento do Brasil, mas essa

publicação correu por conta exclusiva da editora, sem qualquer ônus ou vantagem do anotador.

Como se vê, nem só a guerra com Lopez era o tema favorito de tão superior espírito. Relacionamos sua bibliografia, em ordem cronológica:

- Resumo da ordenança sobre os exercícios e evoluções dos corpos de infantaria do exército. Parte aplicável à Guarda Nacional, de 1893;
- Guerra do Paraguai memórias de Mme. Dorothea Duprat de Lasserre, tradução anotada do manuscrito original, Rio Grande, Livraria Americana, 1893 (1ª edição de setembro e a 2ª de dezembro);
- Guerra do Paraguai monografias históricas, Rio Grande, Livraria Americana, 1895, 130 páginas, tradução anotada da obra sob igual título de Juan Silvano de Godoy, contendo em apêndice o capítulo VIII do livro *D. Pedro II*, de Benjamin Mossé (hoje sabidamente escrito pelo barão do Rio Branco) e o depoimento do general Francisco Isidoro Rasquin, chefe do estado maior de Lopez, quando feito prisioneiro em Aquidabã;
- *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul*, Rio Grande, Livraria Americana, 1895, 60 páginas;
- *O Uruguai*, de José Basílio da Gama, com anotações de J. Arthur Montenegro, Pelotas, Echenique Irmãos e Cia., 1900, 142 páginas, cpa em tricronomia, edição

da Biblioteca Pública Pelotense, comemorativa do 4º centenário da descoberta do Brasil; e, finalmente,

- Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai – 1ª série, Rio Grande, Livraria Rio-Grandense, 1900 (mas, efetivamente terminada a impressão em 1901), 114 páginas.

Nota: Mais ou menos em 1943, cogitando-se de fazer a edição das *Efemérides*, comecei a escrever o prefácio, aqui ligeiramente alterado porque, então, essa tiragem seria feita em convênio com a Biblioteca Militar. Faltou terminá-lo, para o que seria necessária a consulta às coleções do *Diário do Rio Grande, Eco do Sul* e outros jornais do período de 1890-1901 da cidade do Rio Grande, bem como a da *República*, de Fortaleza, do mesmo período. Igualmente, ter-se-ia de recorrer à *Revista do Instituto do Ceará*, a fim de mencionar na bibliografia aquilo que, esparso, publicou Montenegro.

Montevidéu, janeiro de 1957 - Abeillard Barreto

[acompanha ficha manuscrita] J. Arthur Montenegro – Assentamento de óbito Nº 159 – Faleceu às 11 horas da manhã de 3 de abril de 1901, de tuberculose pulmonar – idade declarada 37 anos – atestado passado pelo Dr. Ângelo Dourado.

Casa mortuária 24 de Maio, 78, Rio Grande – o enterro foi no dia 4, às 10 horas.

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

A relevância do Arquivo José Arthur Montenegro é tão considerável que, em 1970, por ocasião da efeméride do centenário do encerramento da Guerra do Paraguai, a Marinha solicitou parte do acervo para a organização de uma exposição no Rio de Janeiro. O periódico rio-grandino *Rio Grande*, único diário citadino na época, após nota destacando tal propósito, trouxe uma matéria de primeira página, divulgando a exposição⁴. A folha não deixava de demonstrar uma certa preocupação junto à comunidade quanto a uma possível dilapidação daquele Arquivo, a qual foi sobrepujada a partir do conhecimento dos promotores do evento, entre eles o próprio Abeillard Barreto, que então residia no Rio de Janeiro. A notícia veiculada na impressa revelava que, por ocasião de tais comemorações, mais uma vez Barreto buscou levar à frente a edição da obra de Montenegro, a qual, novamente não se confirmaria:

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

ACERVO DA BIBLIOTECA APRECIADO NO RIO DE JANEIRO

Como noticiamos em edição anterior, parte do valioso acervo da Biblioteca Rio-Grandense, tudo o que se refere à Guerra do Paraguai, em sua maior parte compilado por um jovem chamado Montenegro, foi remetido para o

⁴ RIO GRANDE. Rio Grande, 5 dez. 1970, a. 58, n. 5, p. 1.

Rio de Janeiro, a fim de figurar numa exposição promovida pelo Ministério da Marinha.



Vários volumes foram aqui embarcados, por solicitação do capitão de mar e guerra Márcio Pereira de Lyra e do Sr. Abeillard Barreto, nosso conterrâneo, residente na Guanabara, grande colaborador da Biblioteca local. A notícia causou certos receios em nosso meio, quanto à possibilidade de que a Biblioteca viesse a ficar desfalcada em seu valioso acervo, mas como tivemos a oportunidade de dizer, não havia motivo para preocupações, visto que o pedido partira de pessoas altamente credenciadas e, no Rio de Janeiro, todos os cuidados seriam dedicados pelo Ministério da Marinha.

Sabe-se agora que a exposição tem data afixada, o "Dia do Marinheiro", data de nascimento de Tamandaré, no Rio Grande. Acrescente-se [a] vantajosa

informação sobre a propaganda de nosso município, que a exposição refere à origem dos documentos, alguns dos quais estão sendo copiados pelo Ministério da Marinha, que vai confeccionar dois catálogos, um de fotografias e documentos, e outro de obras a respeito, selecionadas de cem volumes, dentre os remetidos. Os catálogos serão editados pela Marinha, com referência à Biblioteca local e enviados para instituições culturais do país. A obra inédita *Efemérides da Guerra do Paraguai* deverá ser editada pela Marinha.

Os volumes remetidos ao Rio de Janeiro foram já recebidos pelo Sr. Abeillard Barreto e abertos no Ministério da Marinha, encontrando-se tudo na mais perfeita ordem e deverão ser devolvidos logo que termine a exposição.

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Os originais manuscritos de Arthur Montenegro não conseguiram novamente vir a lume, com a edição de livro, mas seu trabalho foi amplamente divulgado, inclusive com a edição de um catálogo, destacando trezentas e quarentas referências bibliográficas e setecentos e nove retratos que foram expostos no Rio de Janeiro. O agradecimento impresso em tal folheto destacava o significado do Arquivo Montenegro e ressaltava a participação de Abeillard Barreto na realização da exposição⁵:

⁵ EXPOSIÇÃO Comemorativa do Centenário do Término da Guerra do Paraguai (1870-1970). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense, Coleção José Arthur Montenegro. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1970. p. 3.

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI 1870 — 1970 ACERVO DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE, COLEÇÃO JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO GERAL DA MARINHA, DEZEMBRO DE 1970

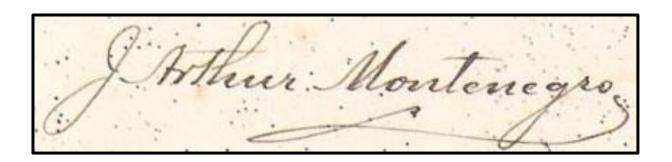
O Serviço de Documentação Geral da Marinha agradece à Biblioteca Rio-Grandense a oportunidade de exibir no Rio de Janeiro o magnífico Arquivo José Arthur Montenegro, entre cujas preciosidades está incluído o maior documentário iconográfico sobre os heroicos combatentes da Guerra do Paraguai existente no país. De não menor valor é a notável coleção bibliográfica que naquela casa de cultura está reunida na Estante Arthur Montenegro, onde inúmeras são as raridades que, sobre o sangrento conflito, vêm sendo há muito acumuladas, tornando a cidade do Rio Grande, um dos mais importantes centros para o seu estudo.

Não pode o Serviço deixar de agradecer efusivamente ao ilustre historiador Abeillard Barreto, por muitos anos diretor daquela Biblioteca, a quem fica a dever as gestões para trazer a esta cidade o material ora em exposição.

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

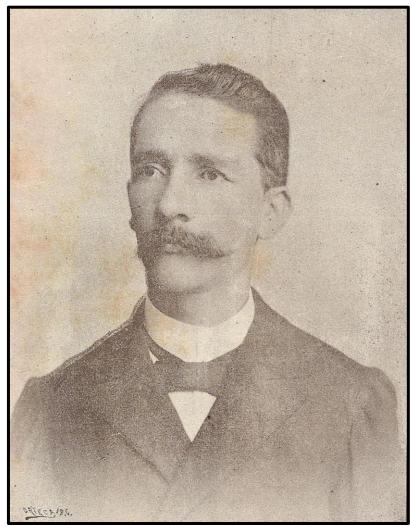
O Arquivo José Arthur Montenegro é composto por uma grande variedade de documentos, tais como referencial bibliográfico, manuscritos, recortes de jornais, diplomas, gravuras, retratos e fotografias. A presença desse Arquivo no acervo da Biblioteca Rio-Grandense, instituição privada, mas historicamente de amplo atendimento público, tem colocado esse manancial de fontes à disposição de estudiosos e da comunidade interessada em travar conhecimento com o mais importante conflito internacional do contexto sul-americano, no qual o Brasil tomou parte. A simples divulgação desse acervo em uma revista

universitária de natureza acadêmico-científica⁶ serviu para demonstrar o interesse pelo tema, tal foi a quantidade de contatos realizados com a Biblioteca Rio-Grandense, de várias partes do Brasil e do exterior. De acordo com tal relevância, cinco números da Coleção Documentos serão dedicados à abordagem do Arquivo José Arthur Montenegro. Neste primeiro, serão destacados alguns dos textos da lavra do autor, editados no livro *Fragmentos históricos da Guerra do Paraguai* e parte da coleção iconográfica por ele amealhada.



_

⁶ ALVES, Francisco das Neves. Fontes para o estudo da História do Rio Grande do Sul no acervo da Biblioteca Rio-Grandense: o Arquivo José Arthur Montenegro (levantamento parcial – iconografia e documentos avulsos). *Biblos – Revista do Departamento de Biblioteconomia e História*. Rio Grande: Editora da FURG, 2005, v. 17, p. 87-102.



José Arthur Montenegro

O AUTOR E OS FRAGMENTOS HISTÓRICOS DA GUERRA DO PARAGUAI

O livro Fragmentos históricos acabou por constituir o único efetivamente escrito e editado por José Arthur Montenegro acerca da Guerra do Paraguai. Serviria como uma amostragem do trabalho mais amplo que pretendia levar a público. O título acabava por revelar a intenção do autor de apresentar alguns "fragmentos", ou seja, artigos avulsos, sem interligação entre si, mas mantendo como fio condutor a abordagem daquele conflito internacional. Nesse sentido, a publicação adquiria um certo caráter de coletânea, pois reunia alguns de seus escritos anteriormente divulgados por meio da imprensa periódica. Já o subtítulo, "homens e fatos da Guerra do Paraguai", bem caracterizava o modo de "fazer história" do escritor, voltado essencialmente ao estudo das ações dos vultos históricos, muitas vezes transmutados em heróis, e dos episódios que compuseram o teatro bélico. Desse livro foram aqui transcritos vários textos, à exceção daqueles que mantém predominantemente natureza/inspiração biográfica, alguns dos quais serão abordados em outro número desta Coleção.

O prefácio do livro é da lavra do escritor e pensador brasileiro, Raimundo de Farias Brito, o qual concentrou a apresentação da obra na perspectiva da busca do autor pela "verdade histórica". Tal condicionante era característico da produção histórico-historiográfica de então, com a negação de uma subjetividade de parte do historiador, o qual se comprometia a expressar

⁷ MONTENEGRO, José Arthur. *Fragmentos históricos: homens e fatos da Guerra do Paraguai.* Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1900.

unicamente uma suposta "verdade", advinda do estudo meticuloso e supostamente neutro do documento histórico. Nesse sentido, Brito buscava explicar que "o ilustre escritor tem consciência clara e distinta das imperfeições inerentes ao conhecimento histórico" de modo que buscava esforçar-se "por tornar mais vivas as tintas do quadro que traceja, deixando bem saliente a figura dos indivíduos e reduzindo às suas legítimas proporções as coisas e os fatos".

A história calcada no ato de heroicizar também é enfatizada por Farias Brito, ao ressaltar que, "abrangendo em suas investigações apenas um período da nossa história, pois todos os seus quadros giram em torno da Guerra do Paraquai, principal objeto de suas lucubrações", poderia observar-se "que o seu objetivo é não interrogar o passado da vida nacional, para fazer a dedução dos destinos da civilização brasileira", e sim "arrancar do olvido a memória dos nossos heróis, apresentá-los à posteridade tais quais foram e, sobretudo, fazendo justiça aos que souberam morrer pela causa da pátria". A questão em torno da imparcialidade/neutralidade do historiador era também reconhecida na constatação de que Montenegro mantinha "a imparcialidade, a retidão, a justiça, quer se trate dos brasileiros, quer se trate do inimigo da pátria". Assim, o prefaciador sintetizava a obra como o relato de um escritor que "conhece por experiência pessoal os segredos da vida do soldado e do marinheiro" e, por tal motivo, "é com vivo sentimento que nos pinta em seus quadros as emoções violentas porque passa na guerra o coração do homem, quer de entusiasmo, quer de terror".



O artigo "A epopeia paraguaia" trazia consigo a intenção de ressaltar o valor guerreiro do povo paraguaio, buscando demonstrar que tal valentia foi um fator primordial para a continuidade da guerra. Ao mesmo tempo em que valorizava a população guarani, o autor não deixava de colaborar com a construção do inimigo encarnado na "figura ditatorial" de Solano Lopez. Nessa linha, ele dizia ter feito "inteira justiça a esse povo heroico que se extinguiu quase, defendendo com rara abnegação o solo pátrio". Mantendo o fulcro de suas abordagens, Montenegro descrevia vários movimentos bélicos do conflito, insistindo nos constantes erros estratégicos cometidos pelo presidente paraguaio.

Em "Os combates do Chaco", o escritor apresentava o tema e intentava demonstrar que aquela era apenas uma amostra da obra mais completa que pretendia publicar. Segundo ele, "a magnitude do assunto exige grande desenvolvimento, longas explicações para torná-lo ao alcance dos que não conhecem os detalhes dessa campanha", o que não seria viável naquele "momento em que tenho a saúde profundamente alterada". Nesse sentido anunciava que "todo o IV volume de minha obra sobre a Campanha do Paraguai (Cerco do Quadrilátero) exige ainda muito retoque, muita *lima* para que se possa extrair cópia da parte correspondente aos sucessos do Chaco". Como em outros capítulos, o historiador demonstrava significativa leitura e considerável conhecimento adquirido sobre a História Militar, da antiguidade à contemporaneidade.

No texto "Consequências do desastre de Curupaiti", o autor mantinha a intenção de demonstrar o "objetivo civilizador da Tríplice Aliança", destacando suas vitórias, sem deixar de também abordar os efeitos da derrota, em termos de necessidade de remobilização. Mesmo não abandonando tais pressupostos, Montenegro chegava a destinar espaço para o estudo de poemetos jocosos que criticavam a estratégia brasileira naquele momento do confronto bélico.

Com "A Piriquita", Arthur Montenegro enfatizava o papel da mulher no conflito da Tríplice Aliança, citando o exemplo de uma representante do sexo feminino que pegara em armas, lutando à altura dos companheiros. A partir de tal constatação, o autor chegava a expressar um "protesto solene ao preconceito social que empresta à mulher incapacidade para as grandes empresas". Nessa linha, afirmava que "a presença da mulher é de extrema necessidade nos acampamentos", nos casos de não "incutir o desânimo no soldado". Explicitava, entretanto, que o papel feminino deveria circunscrever-se a funções específicas, não necessariamente vinculadas diretamente às lides bélicas.

Já em "A passagem de Humaitá", Montenegro apresentava uma versão para os fatos que cercaram tal evento, descrevendo-os minuciosamente e comparando-os com uma representação artística que os tinha retratado. Ainda que reconhecendo uma carga de heroicidade em torno do evento, chegava a chamar a atenção para o fato de que o mesmo "vai com os anos se transformando em exagerada lenda, com grave prejuízo da verdade histórica". Diante disso, ele relatava que "a verdade é esta" e "o mais que se conta é lenda".

O artigo "Hospital flutuante" tinha por objetivo desmentir as versões de que a primazia dessa prática cabia a uma recente experiência colocada em prática pela marinha norte-americana, localizando que tal ação precursora era da armada brasileira à época da Guerra do Paraguai. Nessa linha, concluía que aquilo era o que poderia "dizer, de momento, sobre os nossos hospitais flutuantes".

Finalmente, o Apêndice, intitulado "Assuntos militares" envolvia uma querela que autor desenvolvera junto à imprensa com um contendor anônimo, o qual contestara algumas afirmações de Montenegro em artigo também vinculado a partir do periodismo. O historiador buscava demonstrar seu amplo conhecimento da História Militar, tentando reduzir até mesmo ao ridículo as proposições de seu "censor". Tratava-se do único texto que não dizia respeito à Guerra do Paraguai e sim ao conflito franco-alemão de início dos anos 1870. O artigo servia também para o escritor relatar fragmentos de suas vivências no meio militar, ao afirmar que tivera a "honra de pertencer às fileiras do exército; conservo bem gratas recordações dos belos dias da juventude em que servi à minha pátria e o muito que prezo a nobre classe a que pertenci durante dez anos", descrevendo algumas dessas participações.

Tais textos bem servem para demonstrar o afinco que José Arthur Montenegro tinha para com seu primordial objeto de estudo. Reunir documentos e escrever sobre a Guerra da Tríplice Aliança tornou-se uma verdadeira missão de vida do escritor e *Fragmentos históricos: homens e fatos*

da Guerra do Paraguai, ainda que uma obra introdutória, bem demonstrava os intentos do historiador.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

(PREFÁCIO)

Wohin man also auch blickt, ist Lüge in der Geschichte: die Muse Klio ist mit der Lüge so durch und durch infleirt, wie eine Gassenhure mit der Syphillis.

Estas proposições com que é por Koeler sintetizado o pensamento de Schopenhauer sobre o valor da história em suas relações com a filosofia e ciência, não significam que a história seja um ramo imprestável do conhecimento; nem se poderia imaginar fosse semelhante ideia sustentada mesmo por Schopenhauer.

Mas uma coisa fica aí com veemência acentuada: *é que inúmeras são as dificuldades com que se luta na história*. Esta vem de fato ordinariamente contaminada de erros. Nos contemporâneos a paixão desvirtua, o interesse corrompe a apreciação dos acontecimentos; nos pósteros a distância exagera ou

suprime verdades e fatos e a imaginação, tomando o lugar da razão, vê os homens e as coisas através de um prisma exagerado e ilusório, dando a tudo as proporções da lenda e do mistério.

Demais entre os contemporâneos há conflitos de paixões ou pugilato de interesses; entre os pósteros luta de doutrinas. De todo o modo se pode, pois, afirmar que há na história *luta pela verdade*, do mesmo modo e nas mesmas condições que há na sociedade – luta pela vida. Mas por isso não fica diminuído, pelo contrário, ainda mais sobressaí o valor da história, sendo que ao historiador compete, particularmente, além do mérito dos serviços que presta, a glória do lutador.

Disto mesmo eu vejo uma prova no presente trabalho com que inicia o Sr. Arthur Montenegro a publicação do resultado de seus longos estudos sobre a Guerra do Paraguai.

Veja-se o artigo que vem sob este título – *A epopeia paraguaia*. Publicado este importante estudo no *Correio Mercantil* de Pelotas, logo se saiu um oficial do exército impugnando-o⁸, à guisa de crítico; e se bem que fosse extremamente infeliz em suas arguições, que aliás não contestavam os fatos históricos, mas apenas alguns conceitos externados pelo autor quanto ao valor de certos expedientes de tática moderna, foi todavia com grande arrogância que terminou pondo em dúvida a autoridade do Sr. Montenegro para a empresa colossal a que meteu ombros com relação à Guerra do Paraguai.

⁸ Veja – o I do Apêndice sob a epígrafe – Assuntos militares.

Infeliz e precipitado, o crítico nem sequer soube interpretar com fidelidade o pensamento do autor, pois para combatê-lo começa por emprestar-lhe ideias que, aliás, não foram por ele sustentadas, como por contestar-lhe princípios que ele é o primeiro a reconhecer.

Precipitação ou má fé?

Impossível será resolver; porém como quer que seja, a violência da oposição demonstra perfeitamente que o fim do crítico não foi, de certo, o esclarecimento da verdade. Mas de todo modo isso deu lugar a que o Sr. Arthur Montenegro voltasse à carga, aduzindo novos esclarecimentos e *tornando por essa forma de uma evidência irresistível a verdade dos fatos que expõe.*⁹

Resultado: a impugnação não foi inútil e o crítico, ou tivesse realmente dúvidas em seu espírito e procedesse de boa fé, ou fizesse oposição sistemática por interesse ou mania, como não raro sucede, de todo modo prestou um serviço correndo para tornar mais fecundo o esforço do pensador e dar maior intensidade e vigor ao brilho da verdade.

Independente de toda e qualquer impugnação, nota-se nos trabalhos do Sr. Arthur Montenegro pronunciada tendência (e isso mesmo é o que constitui uma das feições caraterísticas do seu método) para averiguar, para entrar no exame dos menores detalhes, para deixar tudo fora de dúvidas, de modo a dar às suas narrações um grau tal de certeza que a gente ao lê-las não possa deixar de ficar convencida.

⁹ Ibid. – o II do Apêndice, resposta ao artigo acima.

Parece que o ilustre escritor tem consciência clara e distinta das imperfeições inerentes ao conhecimento histórico e por isso se esforça por tornar mais vivas as tintas do quadro que traceja, deixando bem saliente a figura dos indivíduos e reduzindo às suas legítimas proporções as coisas e os fatos.

É isso mesmo o que se observa a todo instante nos *Fragmentos* que melhor se poderiam chamar *Quadros históricos*. Daí a autoridade com que nos fala, daí o tom de convicção com que se exprime o autor, o que dá às suas narrações inestimável valor, notando-se que ele como que faz esforços para transportar seu próprio ser para a história, como se pretendesse dar vida e alma aos quadros que representa.

Nota-se de fato entre os historiadores, o seguinte: — que uns procuram interpretar, por assim dizer, a consciência humana, para fazer com rigor dedução das leis que obedece a sucessão dos acontecimentos — são *os historiadores filósofos*, que outros pretendem como que representar em quadro os homens e as coisas, esforçando-se por arrancar do passado a lembrança dos fatos, legando-os à humanidade como um tesouro e restituindo-lhe por este modo, se não a vida, pelo menos a imortalidade da memória — *são os historiadores artistas*.

O Sr. Arthur Montenegro é desta última classe.

Abrangendo em suas investigações apenas um período da nossa história, pois todos os seus quadros giram em torno da Guerra do Paraguai, principal objeto de suas lucubrações, vê-se que o seu objetivo é não interrogar o passado da vida nacional, para fazer a dedução dos destinos da civilização brasileira, mas apenas arrancar do olvido a memória dos nossos heróis, apresentá-los à posteridade tais quais foram e, sobretudo, fazendo justiça aos que souberam morrer pela causa da pátria.

Por este lado apresenta-se o Sr. Arthur Montenegro não somente como artista que figura quadros, mas também e principalmente como juiz que premia e condena. Aqui aparece por uma das múltiplas faces o destino moral da história, sendo que assim considerada é como tribunal que a história funciona.

Considerando-se debaixo deste ponto de vista, uma coisa logo se salienta de modo pouco comum nos trabalhos do Sr. Arthur Montenegro: — a imparcialidade, a retidão, a justiça. Isto quer se trate dos brasileiros, que se trate do inimigo da pátria.

A coragem dos paraguaios nos é apresentada, não raro, em tais condições que chega a tomar as proporções do heroísmo, se bem que em regra se mostrassem sem disciplina e pouco conhecedores da arte da guerra.

Se se tratasse de um historiador parcial e pouco justo, é mais que provável que o valor do inimigo não fosse assim reconhecido e apregoado. Isto se tratando do povo; e tratando-se dos indivíduos é sempre com máxima imparcialidade que o historiador os julga e aprecia.

Vejam-se com que severidade nos é pintada a história romanesca por um lado, mas por outro lado repulsiva de Mme. Linch; veja-se como sobressai diante

dos quadros do Sr. Arthur Montenegro o heroísmo da Piriquita; veja-se com que vigor nos é apresentada a figura delicada e trágica de Camerino.

Outra coisa se torna digna de grande reparo nestes *Fragmentos*. é que o autor, descrevendo episódios da Guerra do Paraguai, não só se mostra conhecedor da arte da guerra, como perfeitamente familiarizado com os usos, costumes e hábitos da vida militar. Isto se explica facilmente quando é sabido que o Sr. Arthur Montenegro já pertenceu ao exército, tendo feito os estudos necessários para se mostrar possuidor do conhecimento técnico da matéria.

Seja como for, é isto uma circunstância valiosíssima, pois é com perfeita autoridade que se pôde ocupar com assuntos militares.

Demais conhece por experiência pessoal os segredos da vida do soldado e do marinheiro. Por isso é com vivo sentimento que nos pinta em seus quadros as emoções violentas porque passa na guerra o coração do homem, quer de entusiasmo, quer de terror.

Transporta-nos às alegrias da vitória por parte do que triunfa; constrangenos a alma as angústias da derrota por parte do que é vencido; estremecemos ao toque de corneta no começo da luta; ouvimos o gemido dos moribundos, depois de findo o combate. Depois entra nas mais minuciosas circunstâncias, repete o que diz o soldado, fala de seus pequenos interesses, de suas rixas, das dificuldades com que luta, de tudo que lhe diz respeito; conta anedotas, explica a origem dos apelidos dos generais, escreve a história dos chefes, escreve a história dos soldados: em uma palavra tão minucioso se mostra, fala com tanta O AROUIVO MONTENEGRO E A GUERRA DO PARAGUAI: REGISTROS TEXTUAIS E ICONOGRÁFICOS

segurança, e sobretudo tão vivo nos descreve tudo o que se passa que, lendo-o tão identificados nos fazemos com o assunto, que nos chega a parecer que tomamos parte como o autor na vida dos acampamentos.

Entretanto, trata-se aqui apenas de uma série de episódios, mas é quanto basta para que se possa desde logo fazer ideia precisa do imenso valor da grande obra que está sendo preparada pelo Sr. Arthur Montenegro sob o título *História da Guerra da Tríplice Aliança contra a República do Paraguai*.

É, porém, cedo ainda para apresentar sobre esta obra opinião definitiva. Basta, por enquanto, que felicitemos o autor, pelos seus preciosos – *Fragmentos* –, dando ao mesmo tempo, pelo aparecimento desta obra, parabéns à literatura pátria e especialmente aos que se interessam pelo estudo da história nacional.

Ceará, março de 1900.

R. de Farias Brito.

##########

A EPOPEIA PARAGUAIA¹⁰

(Carta aberta ao Dr. Pedro Osório)

"Parece-me que esse pequeno povo bloqueado pela marinha aliada, desde o começo da luta até o fim, absolutamente reduzido aos seus próprios recursos, apresentando-se em campo um contra dois, fazendo três nações estacarem irresolutas durante meses e meses, quando tinham à sua disposição todos os portos do mundo, – parece-me que esse povo devia merecer da parte dos historiadores mais justiça, sem que por isso o amor próprio dos adversários se julgasse ofendido."

(Carta do Dr. Pedro Osório ao autor – Bagé, 8 de julho de 1896)

Tem razão, meu amigo, em exaltar o valor desse povo original, que, batido pelo número, esmagado pela força bruta do canhão aliado, soube salvar a honra, lutando até a última trincheira levantada à margem desse histórico Rio Taquaras que assinala o coração da América do Sul pungente interrogação ao futuro... e Cerro Corá será antes um monumento levantado à bravura, ao patriotismo e à fidelidade paraguaia, que um labéu lançado pela história à degradação moral do povo.

Penso assim e se me for permitida a ventura de concluir o livro que elaboro sobre essa campanha, verá, meu bom amigo, que faço inteira justiça a

¹⁰ Publicado, em Pelotas, no *Correio Mercantil* de 19 de julho de 1896.

esse povo heroico que se extinguiu quase, defendendo com rara abnegação o solo pátrio.

E esses restos do grande exército, últimos veteranos daqueles 80.000 homens sob cujas baionetas devia erguer-se um império, podiam repetir em Aquidabã as memoráveis palavras de Francisco I em Pavia:

Perdeu-se tudo, menos a honra!

* *

Os repetidos desastres sofridos pelas armas paraguaias têm sua explicação em *causas* morais e materiais. Nestas, poderosamente influiu a antiquada organização tática do exército que não correspondia então às exigências da guerra moderna: ao péssimo e variado armamento que possuía e, finalmente, à extrema ignorância de seus bravos generais e chefes superiores, guindados às culminâncias do mando, não pelo mérito real, mas pelo capricho do marechal Solano Lopez.

Para demonstrar ligeiramente o primeiro ponto, basta dizer que a infantaria, principal arma do campo de batalha, seguia a antiga ordenança espanhola, dividindo-se em três classes *a mesma unidade administrativa e de combate*, isto é, em cada batalhão de 800 a 1.000 homens, as duas companhias

da frente eram de *caçadores*, as quatro do centro de *fuzileiros* e as duas últimas de *granadeiros*.

Afigure-se, meu amigo que, pela ordenança antiga, cada uma dessas classes devia operar em terreno apropriado à sua especialidade; por exemplo: em lugar acidentado ou coberto de mato carrasquenho, os *caçadores de todos os corpos*, compostos dos homens mais baixos e ágeis, eram lançados para a frente a engajar o combate¹¹; os *fuzileiros* emprenhavam-se quando o inimigo manobrava em planícies ou se pronunciava em derrota, aos *granadeiros* – reserva geral – competia vibrar o último golpe: era o exército de Xerxes esperando a saída do sol...

¹¹ A nossa atual tática de combate arremeda esse sistema com os tais "atiradores" e seu cortejo de "reforço" e "apoio"; ordem imprestável para as campanhas da América do Sul, onde, por muito tempo ainda, a cavalaria terá ação decisiva no campo de batalha.

Os alemães só a empregaram uma vez, o princípio da guerra contra França e bem caro pagaram o ensaio.

A 6 de agosto de 1870, em Saarbrücken, a 5ª divisão prussiana perdeu em dez minutos 1.600 homens cortados à espada pelos dezesseis esquadrões da divisão Frossard.

Entre nós temos um exemplo recente: No combate de Passo Fundo, os gaúchos de Prestes Guimarães espatifaram o valente e infeliz 30° de infantaria surpreendido nessa formatura.

Esse fato bem devia influir para que fosse banida de nossa ordenança semelhante prática – como ordem inicial de combate –, porque nos pode acarretar tremendo desastre em campanha regular.

O emprego de "atiradores" devia ser restringido a operações especiais e o futuro dirá se tenho razão.

A nota acima provocou pela imprensa a discussão que incluí no – Apêndice – deste livro e para a qual chamo a atenção do leitor.

No caso de vitória tudo marchava bem, como se viu em Corrales e no Estero Belaco nas primeiras horas do dia; mas pronunciando-se a derrota, tudo era confusão: jamais essas companhias destacadas em pontos diferentes podiam se reunir a seus corpos e, na retirada em massa, sem norte, acossados pela baioneta ou pela metralha, estabeleciam a desordem nas reservas; daí o sacrifício imenso de vidas que se seguia a cada ação, porque soldado sem formatura regular, embora valente e disciplinado, torna impossível qualquer resistência.

Esse defeito tático foi o prelúdio da derrota de Tuiuti que a bravura dos aliados transformou em tremendo desastre.

Nesse dia, em que o nome do *legendário gaúcho* voou à imortalidade, trinta e dois mil aliados foram agredidos por vinte e quatro mil paraguaios; a nossa superioridade numérica, porém, não teve ação decisiva no resultado da luta, porque apenas 23.000 a 24.000 homens combateram realmente; muitos corpos não tiveram ocasião de queimar uma escorva, outros se limitaram a apoiar a primeira e segunda linha de batalha. O número, portanto, contrabalançou-se e só podemos resistir com vantagem a primeira e formidável investida do inimigo, desapercebidos como estávamos, devido à ordem de castrametação que adora Osório, acampando o exército em três linhas paralelas.

Dezesseis batalhões brasileiros e todo o segundo corpo do exército argentino ficaram de reserva e no entanto o inimigo perdeu 13.000 homens de suas melhores tropas!

A derrota se pronunciou nas fileiras paraguaias precisamente às 12 horas do dia, quando a cavalaria de Resquin, metralhada de frente e flanco pela artilharia Mallet, recuou desordenada sobre as colunas de infantaria que acabavam de transpor extenso e profundo banhado e no mesmo momento em que Osório à frente da divisão Argolo reforçava o flanco defendido pelo general Antônio de Sampaio dos ataques impetuosos do general Eduviges Diaz.

A infantaria na frente da vanguarda, desembaraçada de seus ginetes, ainda avançou impulsionada somente pela bravura individual, mas já taticamente desorganizada; a 3ª e 5ª divisões completaram no flanco esquerdo a derrota do inimigo.

Não houve um só batalhão paraguaio que carregasse *em ordem unida*, eram companhias destacadas que se atiravam loucamente sem comunhão de reforços, sem determinado objetivo, contra a tríplice linha de baionetas aliadas que por todos os lados ofereciam a mesma potência defensiva.

Três vezes atacaram os paraguaios, quatro colunas operaram, mas foram esforços isolados que se esterilizaram ante a coesão dos aliados.

Riachuelo e Tuiuti foram tremendos desastres que inclinaram decisivamente a vitória para a causa da aliança: nesta perdeu o marechal a flor do seu exército, naquela viu aniquilada a sua marinha de guerra; no entanto a nossa inferioridade era patente numa e noutra ação e todas as vantagens da agressão e da surpresa eram dos contrários; mas em suas fileiras imperava prática carunchosa exigindo formalidades estultas que o canhão da aliança

vantajosamente dispensou, aniquilando aquele arrojo inconsiderado, cego, violento que caracterizou o soldado paraguaio nessa luta de cinco longos anos.

Em Riachuelo, vemos o plano de batalha profundamente alterado pelo incidente do *Iberá* nas Três Bocas: Pedro Mez, devendo atacar pela madrugada, só se apresentou às 11 horas da manhã diante da esquadrilha de Barroso, perdendo assim as vantagens que lhe dariam a surpresa e a abordagem no escuro da noite.

O velho chefe paraguaio perdeu a serenidade ante a atrevida resolução de Barroso que o foi atacar nas posições vantajosas que escolhera; nenhuma manobra ordenou para engajar a luta: nos galopes da capitânia paraguaia nenhum sinal se desfraldou para indicar ação de cada navio e somente à superioridade da marcha de seus barcos, ao seu pouco calado e consequente facilidade de evoluções sobre baixios de estreitos e tortuosos canais, pode lutar com vantagem durante algum tempo: limitou a sua única manobra tática em cortar a linha brasileira na altura do penúltimo navio, abordando com três canhoneiras a histórica *Parnaíba*.

O grave ferimento que recebera, obrigando-o a passar o comando ao valente Robles, o qual, dirigindo abordagem, não pode mais assinalar evolução alguma aos navios que combatiam em grupos isolados, permitiu a *manobra do aríete* audazmente iniciada pelo talha-mar do *Amazonas*, cobrindo assim de

louros a fronte veneranda de Barroso, que se viu imitado um ano depois, em Lissa, pelo almirante Tegethof com o esporão do *Ferdinand Max*¹².

Em Tuiuti se nota a mesma ausência de coesão no ataque, dividido o exército em quatro colunas, que deviam avançar pelas alas, frente e retaguarda dos aliados, vemos a mesma falta de simultaneidade no conjunto da operação e cada general atacando, não no momento combinado, mas quando desembaraçam a sua frente na planície; Resquin atira a cavalaria nos banhados da frente da artilha Mallet, Marcó obrigado a mudar de direção para apoiar a divisão de Diaz, valentemente combatida pela divisão Sampaio, e Barrios só desembocando no Potreiro Pires às 3 horas da tarde, – tudo isso junto aos

Nihil novi sub sole.

Quatrocentos e oitenta anos antes de Cristo, na Batalha de Salamina, o grego Temístocles empregou pela primeira vez esporões de bronze contra os navios do persa Ariamenes.

O "invento" se conservou esquecido 2.345 anos. É de presumir, porém, que Barroso, sacudido por fortíssima emoção em meio de batalha, não tivesse calma bastante para se lembrar dos gregos e persas se digladiando nas costas da Ática junto à lendária Ilha Colubri... é mais racional supor que a manobra da *Amazonas* em Riachuelo fosse inspiração do momento e nunca imitação de um princípio tático mais velho que a cristandade.

Barroso tinha nervos como outro qualquer; não é possível que um indivíduo, superando os destinos da pátria no fragor de uma batalha, no momento em que procura arrancar a vitória do adversário, possa recordar fatos escondidos na história pelas brumas espessíssimas de vinte e três séculos.

O aríete moderno derivou-se portanto da manobra da fragata *Amazonas*: a glória é de Barroso.

¹² Barroso, metendo a pique os navios paraguaios a golpes de talha-mar, não inventou a teoria do aríete que constituiu posteriormente, como hoje o torpedo, o supremo argumento das batalhas marítimas.

incidentes vários que sobrevêm no meio da ação, fizeram perder todas as probabilidades de triunfo para as armas paraguaias.

* *

Parece que no espírito do marechal Solano Lopez se arraigou a ideia de vencer o Brasil só pelo número, pela força bruta das grandes massas armadas.

Sabia que o Império não tinha exército e que os poucos soldados que mantinha em armas operavam na República do Uruguai contra os *blancos*, seus aliados; se lembrava talvez da campanha de 1827 em que dificuldades internas obrigaram ao primeiro imperador aceitar uma paz pouco honrosa, depois de uma luta em que os exércitos beligerantes deram o singular espetáculo de fugir um do outro após um encontro em que reconheceram a impossibilidade de sair um vencedor e outro vencido. E nesta crença deu o golpe sobre Mato Grosso e depois dirigiu suas tropas para o Rio Grande do Sul, esquecido de que começava a campanha com gravíssimo erro estratégico e que o Império estava consolidado, tendo à sua frente um monarca da estatura moral de D. Pedro II.

* *

No quartel general paraguaio predominou a astúcia do selvagem para a guerra de emboscadas, de surpresas, de ciladas; no rancho-palácio de Passo-Pocu não existiu a ação inteligente da ciência militar para as operações estratégicas¹³. Imperou estulta vaidade de improvisado general, em cujas mãos poder discricionário, amplo, sem limite algum nas leis divinas ou humanas, produziu esse fenômeno social de um povo inteiro subjugar-se com extrema dedicação a uma só vontade...

Ao espírito sagaz do marechal Solano Lopez escaparam os ensinamentos das campanhas navais de Nelson e continentais de Napoleão, em que os adversários aferrados a preconceitos táticos, seguindo *sistemas* mais ou menos bem combinados, consagrados em leis e regulamentos especiais, sofreram tremendos desastres, sem coragem de romper com essas práticas antiquadas, a cujo *exato cumprimento* atribuíam uma ou outra vitória obtida a caro custo, como se na guerra pudessem ser imutáveis os sucessos e previstos todos os casos em regulamentos militares.

Singular espetáculo, na verdade, apresentou o marechal Solano Lopez com *o seu modo* de fazer a guerra, com essa mistura de princípios que aplicou às operações: aliou à ordenança espanhola do tempo de França à tática dos

¹³ Ao iniciar a campanha, o exército brasileiro se achou no solo paraguaio nas mesmas condições das tropas inglesas no sul da África diante dos boers.

Como os ingleses, também íamos fazer guerra científica, baseada em princípios tático-estratégicos, segundo o uso corrente. Antes, porém, de passarmos o Paraná, os combates da margem esquerda avisaram que a guerra ali seria guerra de índios, guerra à americana — de chatas contra couraçados, de abordagens, de surpresas, de ciladas, luta corpo a corpo, em que a coragem individual quase sempre decidia...

Os generais brasileiros tiveram extrema dificuldade em se amoldar àqueles "costumes" desconhecidos do mundo civilizado: aprenderam debaixo de fogo. Daí a extrema lentidão das operações e a explicação do caráter singular que apresentou o conjunto dos sucessos.

indígenas do Chaco. E o exército paraguaio, a despeito de sua ingente bravura, de sua não igualada obediência, foi sacrificado à ignorância de seu chefe, que se arvorou em general, quando militarmente era incapaz de bem discernir um plano de campanha; prova o sistema que seguiu, até a passagem do Paraná, de operar em *colunas destacadas* contra o inimigo que manobrava na *ordem profunda*, ordem esta preconizada pelos táticos de todos os tempos e tão habilmente aproveitadas pelo general Bonaparte na sua admirável campanha de 1800, e hoje seguida em todos os exércitos modernos, como nos dá frisantes exemplos a Guerra de Secessão dos Estados Unidos, a do Holstein e a da França em 1870.

Caro custou o seu erro e os aliados começaram a guerra destruindo em Yatahy e Uruguaiana as duas colunas, a flor do seu exército, que ele atirou ao isolamento no vale do Uruguai.

O marechal Marmont diz com razão:

"... Entre dois exércitos, cuja força, estado moral, sejam idênticos, as probabilidades são iguais. Para torná-las favoráveis, porém, combina-se movimentos estratégicos de maneira que o inimigo, enganado no objetivo da campanha, divida as suas forças. Então o general mais hábil reúne rapidamente suas forças, ataca o adversário e a superioridade numérica que soube adquirir facilita em grande parte a vitória.

A superioridade numérica no momento do combate é de extrema importância: verdade é que a qualidade das tropas deve merecer mais

consideração que o número, porém, no estado atual dos exércitos, o número e o conjunto dos meios concorrem poderosamente para a vitória¹⁴.

Tais princípios eram conhecidos pelo marechal Lopez¹⁵; entretanto, quem conhece os sucessos dessa guerra sabe que tudo foi feito em sentido contrário, com exceção de dois únicos ataques em que empregou elementos respeitáveis, obedecendo a um plano verdadeiramente estratégico – Riachuelo e Tuiuti, cuja vitória em qualquer deles o faria senhor da situação; tudo mais que empreendeu foi cercado de erros gravíssimos que se provam com as consequentes derrotas, quando é certo que no princípio da luta todas as vantagens eram suas.

¹⁴ Vid. Marmont – *De l'esprit des institutions militares*.

¹⁵ A obra de Marmont foi mandada traduzir pelo marechal Lopez e profusamente distribuída no exército. Encarregou-se da tradução o tenente Gregorio Benitez que tão saliente papel representou nesta guerra e foi impressa em Besançon em 1863.

Atribuo à influência dessa obra uma parte dos desastres sofridos pelos paraguaios, porque tais doutrinas concorreram para perturbar ainda mais o espírito dos indivíduos sem nenhum preparo, que agiam num verdadeiro caos de "coisas militares".

Durante essa guerra só conheço uma manobra verdadeiramente tática empregada pelos paraguaios num campo de batalha. Foi quando o general Cabalero, em Campo Grande (16 de agosto de 1869), atacado de flanco, operou audaz mudança na frente, debaixo de fogo, com a qual sairia vencedor se comandasse tropas cujo moral não estivesse tão abatido por uma série ininterrupta de desastres.

Mudando rapidamente a artilharia do flanco esquerdo para reforçar o direito, negou aquela ala ao ataque de frente que lhe levava os brasileiros, e às 3 horas conseguiu estabelecer a linha de batalha na perpendicular de sua primitiva posição, pra abrigar-se nos barrancos do Arroio Juqueri, do outro lado do qual já se achavam suas carretas de bagagem e munições.

E a situação tornou-se tão crítica que o general brasileiro desembainhou a espada pra guiar as colunas de ataque, atirando-se no meio da refrega, provocando o episódio que Pedro Américo imortalizou numa tela primorosa.

Outro erro de caráter estratégico, pesando também no resultado do tremendo prélio, foi cometido pelo marechal ditador, além dos já apontados: a guerra de posições, a guerra de fortaleza, imobilizando o magnífico exército que se extinguiu em sortidas estéreis, que talvez decidisse a sorte da guerra numa só batalha campal, em 16 ou 17 de abril de 1866, quando o general Osório afrontou-o com 10.000 homens apenas, tendo na retaguarda o caudaloso Paraná.

Não é sem muita razão que o contra-almirante Fincati¹⁶ diz que aquele princípio verdadeiramente fundamental foi o segredo de Aníbal, de César e de Bonaparte em suas admiráveis campanhas e será a primeira condição da vitória, quer os homens empreguem a elasticidade das catapultas, quer utilizem a expansão dos gases nas carabinas e canhões.

Foram essas, meu amigo, as principais causas que no meu entender influíram para o extermínio do maior exército que tem visto a América do Sul – exército aguerrido, disciplinado, obediente como nenhum outro no mundo, capaz dos mais alevantados feitos, mas felizmente para a nossa pátria e para a humanidade, guiado por um empírico.

##########

¹⁶ Fincati – "Aforismos militares".

OS COMBATES DO CHACO¹⁷

(Carta aberta ao tenente-coronel Dr. Rodolfo Brasil)

Peço-vos, meu caro amigo, o especial obséquio de enviar-me uma narrativa epistolar dos acontecimentos do Chaco, na Campanha do Paraguai, salientando os combates em que tomaram parte o Sr. marechal Frota, então major, e o meu amigo coronel Marciano de Magalhães, então tenente de artilharia.

Trata-se de esclarecer uma dúvida suscitada entre ambos e o coronel Marciano, por meu intermédio, apela para a vossa esclarecida e autorizada opinião.

(Carta do Dr. Rodolfo Brasil ao autor, Porto Alegre, 10 de agosto de 1896)

As operações militares realizadas no Chaco revestiram-se da mais alta importância, não só pelos ensinamentos que nos trouxe a tática empregada naqueles singulares combates de escaleres e canoas, no último período daquele drama pavoroso, de que não há exemplo na história militar de todos os tempos, como pelas vantagens estratégicas colhidas no princípio com o fechamento completo do sítio posto ao quadrilátero paraguaio, que nos deu a posse imediata da grande fortaleza de Humaitá, pouco depois transformada em nossa base acidental de operações contra as novas linhas de Pikiciry.

A ocupação do promontório fronteiro a Humaitá começou no dia 1º de maio de 1868, com o desembarque ali, no Anday, da divisão argentina do coronel

¹⁷ Publicado em Pelotas, no *Correio Mercantil* de 3 de setembro de 1896.

Ignacio Rivas e no Yaussy da brigada brasileira do coronel João de Barros Falcão; e terminou pela rendição da guarnição da fortaleza, a 5 de agosto seguinte, na Isla-Poi, dando-se repetidos e sangrentos combates nesses 96 dias de fogo contínuo, em que a guerra peculiar à América do Sul desenvolveu a sua extraordinária fecundidade no invento dos meios de ação, no imprevisto dos sucessos, tomando cada combate feição própria, singularmente característica, jamais empregados em outras campanhas.

A magnitude do assunto exige grande desenvolvimento, longas explicações para torná-lo ao alcance dos que não conhecem os detalhes dessa campanha, o que não posso fazer neste momento em que tenho a saúde profundamente alterada.

Cumpre acrescentar que todo o IV volume de minha obra sobre a Campanha do Paraguai (Cerco do Quadrilátero) exige ainda muito retoque, muita *lima* para que se possa extrair cópia da parte correspondente aos sucessos do Chaco.

Entretanto, para demonstrar boa vontade em cumprir ordem tão lisonjeira, farei rápida análise dos serviços prestados pelo major Falcão de Frota e tenente Botelho de Magalhães no combate do dia 2 de maio de 1868, que, a meu ver, revestiram-se de muita importância em consequência do perfeito conhecimento profissional revelado no emprego oportuno da *especialidade* de cada um deles, ante a ousada e perigosa posição que nesse dia ocupara a brigada Barros Falcão – em terreno completamente desconhecido, crivado de matas e,

entre estas, boqueirões, lagoas e banhados, onde a cada passo um punhado de homens decididos podia desbaratar uma forte coluna¹⁸.

Principiarei pelo tenente Marciano Botelho de Magalhães.

* *

No momento do desembarque da brigada do coronel João de Barros Falcão, enquanto algumas companhias dos 1º, 3º e 8º de infantaria ajudadas pela bateria alem㹺, desalojavam os paraguaios que se tinham entrincheirado na mata fronteira e em fossos que previamente construíram, o tenente-coronel Tibúrcio de Souza recebia ordem de proteger o desembarque do resto da coluna e limpar os flancos da posição dos piquetes inimigos.

¹⁸ Leônidas não teve privilégio para o feito homérico das Termópilas. Os anais militares registram muitas resistências heroicas em passagens estreitas.

Entre outras, me ocorre a defesa do desfiladeiro de Sapucaí, na Cordilheira, onde o general Cabalero repeliu o ataque do general João Manoel, que dispunha de forças muito superiores (8 de junho de 1869).

Recentemente, em maio de 1882, o capitão Szmrecsanzi, com a 18º companhia do regimento imperial de engenheiros, defendeu valorosamente o desfiladeiro de Kan, na Crivóscia, atacado por numerosas tropas da rebelião dálmata.

Nestes dois feitos os defensores impediram totalmente a realização do objetivo das forças atacantes.

¹⁹ Essa bateria foi organizada em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, com voluntários "teutobrasileiros".

Tibúrcio, que tinha índole verdadeiramente guerreira²⁰, estendeu a ala esquerda do 16º de infantaria com a frente para o sul e conduziu em pessoa a ala direita na direção do norte para os lados do Timbó, onde a abra da mata indicava o caminho de retirada do inimigo. Aí se empenhou em sério encontro com a coluna do major Orzuza, que avançou célere com o visível intento de lhe cortar a retirada e reconquistar a posição de Yuassy.

Nesse momento em que o 16º media-se com forças muito superiores, o capitão Anfrísio Fialho²¹, comandante da bateria alemã, se apresenta com um canhão, chegando a tempo de metralhar o inimigo a 50 passos de distância, obrigando-o a recuar prontamente tangido pelo efeito inesperado das lanternetas.

Ao tenente Marciano de Magalhães competia marchar para o flanco ameaçado com o canhão que funcionou tão a propósito.

O comandante da bateria não podia abandoná-la para ir tão distante levar o auxílio de pequena fração de sua força, deixando ao seu imediato a direção de maior número de bocas de fogo aonde o combate era mais renhido. Essa infração do regulamento (e da hermenêutica – porque a lei supõe o superior

²⁰ Frases do meu amigo visconde de Taunay em carta que me dirigiu em 14 de julho de 1896, e acrescenta: – Era de valor militar inexcedível e de vastíssima inteligência, inclinada um tanto à ênfase. Os sucessos não o ajudaram e estou certo que se vivesse em épocas de crise social e de conturbação, teria representado papel em extremo saliente e decisivo.

²¹ Faleceu a 3 de abril de 1896, em Montevidéu. Agitadíssima a vida desse oficial em consequência de desmedida ambição que foi seu traço característico. Deixou umas memórias – *Meio século de recordações* – onde teve a franqueza de dizer a verdade nua e crua.

como mais hábil e com mais conhecimentos) propositalmente cometida pelo capitão Anfrísio, como ele confessa em suas *Memórias*, deu ensejo, entretanto, para o tenente Marciano de Magalhães provar ao exército que já era digno de um comando isolado.

O capitão Anfrísio Fialho, gravemente ferido nessa ocasião, teve de entregar o comando ao 1º tenente Marciano de Magalhães, que nesse momento, na vanguarda, esmaga os contrários em todos os pontos em que se emboscavam, permitindo assim o início dos trabalhos de sapa para a segurança do campo.

Como vê, meu amigo, o papel da artilharia, quer no flanco direito, quer na frente do campo de Yuassy, foi poderoso, decisivo quase, concorrendo eficazmente para o feliz resultado da dupla operação que era levada a efeito diante de um inimigo ousado, perfeitamente senhor da topografia local, enquanto os nossos, manobrando no desconhecido, eram embaraçados pelos próprios vaqueanos²².

Convém advertir que mais importantes seriam os serviços do tenente Marciano, se desmedida ambição pelo *majorato* não dominasse o capitão Anfrísio Fialho, que, na esperança de alcançar *a todo custo* tão desejado posto, cerceou ação de seu imediato que se viu até o momento de assumir o comando da bateria tolhido em qualquer iniciativa naquele singular combate, ferido sem

²² O oficial paraguaio que servia de guia às nossas tropas, confessou ignorar completamente a topografia do terreno, além da clareira onde operávamos e que se descortinava do rio.

plano preconcebido, onde ação individual, espontânea, de cada chefe de fração representava o penhor da vitória.

A história do *majorato* do capitão Anfrísio Fialho é longa, interessante e sintetiza bem o espírito de emulação que lavrou no exército durante a porfiada campanha de 1864 – 70. Basta dizer que, ao organizar-se a expedição que devia operar no Chaco, o capitão Fialho empenhou-se com o general Osório, comandante do 3º corpo do exército, para designar a sua bateria, dizendo ao assistente quando se retirava do quartel general:

Desta vez ou saio major, ou levo o diabo.

O major Falcão da Frota prestou serviços de incontestável relevância, como chefe da seção de engenharia que acompanhou a expedição.

Auxiliado pelos tenentes Gamboa e Eduardo de Moraes, delineou rapidamente o sistema de fortificação adaptável em semelhante terreno, serviço feito com extrema rapidez, sob vivo fogo da fuzilaria inimiga, ficando o campo devidamente coberto e artilhado às 4 horas da tarde.

Concluída a construção do reduto, e somente protegido pela companhia do capitão Castelo Branco, explorou ao rumo de N.O. a parte setentrional da Laguna-Verá, poucos dias depois teatro de sangrentos combates entre a nossa flotilha de escaleres e as canoas paraguaias — e todo o terreno adjacente até encontrar a direção do caminho que se necessitava para operar a junção das duas colunas — brasileira e argentina- que se realizou na tarde de 3 de maio, depois de penosos trabalhos de aberturas de picadas nas matas virgens do Grão-

Chaco, em que o cerrado entrelaçamento de cipós grossos, vigorosos, dirigidos em todos sentidos, atestava a extrema fereza daquela opulenta vegetação.

Ainda depois de reunidas as duas colunas, fortificou o campo argentino, considerado mais estratégico para as operações que os aliados iam empreender e destruiu o primeiro entrincheiramento, abandonado no dia 2.

Durante os sangrentos sucessos que se desenrolaram nos pântanos do Grão-Chaco, em frente ao baluarte paraguaio, esses dois oficiais tiveram ocasião de prestar assinalados serviços, mas nenhum se revestiu do valor dos que acabo de mencionar ligeiramente e quase de memória.

No entanto, posso estar em erro, porque são nulos os meus conhecimentos em assuntos tão elevados que exigem estudos bem complexos, mas avanço afirmar que sem o efeito da artilharia tão pronto e decisivo, sem o concurso das trincheiras e redutos que prontamente abrigaram os nossos infantes cansados por uma luta de nove horas, outro teria sido o resultado da audaciosa expedição levada a efeito pelo coronel João de Barros Falcão.

"... Agradeço-vos o especial obséquio que me fizestes, enviandome a luminosa resposta aos quesitos que vos formulei em minha primeira carta, a propósito de uma questão histórica entre os Srs. Frota e Marciano de Magalhães. O meu amigo, coronel Marciano, ficou contentíssimo com a solução esplêndida que destes à amistosa contenda: encarreguei-o de mostrar o vosso julgamento como árbitro competentíssimo ao Sr. marechal Falcão da Frota.

Rodolfo Brasil."

##########

CONSEQUÊNCIAS DO DESASTRE DE CURUPAITI

- T -

Depois do desastroso assalto que levamos às formidáveis trincheiras de Curupaiti, houve tremenda reação no espírito que até então animara a Tríplice Aliança.

A consequente paralização das operações, como que contaminou em todos o desânimo que *pareceu* se apoderar dos generais que se viam com um exército de paisanos em frente a uma nação inteira armada e aguerrida; sem meios de remonta em um país topograficamente desconhecido, crivado de

fortificações tão formidáveis que uma delas – uma só – pode com vantagem repelir ousado ataque de 19.000 homens, após bombardeio de poderosa frota couraçada.

Três potências, embora aparentemente, estacavam irresolutas diante do formidável quadrilátero!

Não fora a energia do gabinete Zacarias²³ que, acumulando em pouco tempo consideráveis recursos diante daquelas fortíssimas linhas, entregou a direção da guerra a um vulto da estatura moral do eminente Caxias, e um desastre tremendo remataria o drama sanguinolento, que teve o seu epílogo quatro anos depois nas margens lodosas de Aquidabã.

A nossa mais forte aliada, a República Argentina, envolta numa guerra civil, era obrigada a retirar da frente do inimigo a maior parte do seu exército, para sufocar temerosa rebelião de caudilhos que atacavam pela base o edifício social...

Venâncio Flores – o valente e audaz guerrilheiro que encarnava o elo mais forte, senão único, que prendia à aliança a República do Uruguai, Flores – amigo sincero do Brasil, que abrira a campanha aureolando-se com os louros de decisiva vitória – caía aos golpes do punhal assassino... na rua mais transitada de Montevidéu!...

68

²³ Zacarias de Góes e Vasconcelos, presidente do Conselho de Ministros, governou de 3 de agosto de 1866 a 15 de julho de 1868 – que foi o período mais crítico de toda a guerra.

E não bastavam esses sucessos *domésticos* para procrastinar a guerra: no horizonte diplomático nuvens negras, mais carregadas de vapores, acumulavam-se prenunciando medonho cataclismo...

De um lado as repúblicas do Pacífico – o Chile, Peru, Bolívia, Equador – ameaçando intervir na contenda com protestos contra o tratado da Aliança, que julgavam atentatório à integridade territorial do Paraguai; do outro lado os Estados Unidos do Norte, preparando poderosa esquadra para apoiar o Paraguai²⁴, ameaçava derrocar céus e terras em defesa de Solano Lopez; do outro, enfim, as impertinências dos comandantes dos navios de guerra das potências europeias, provocando constantes conflitos nas linhas de bloqueio, o que podia trazer graves complicações, ainda mais entenebreciam esse quadro desanimador.

Por toda parte dificuldades a vencer; de todos os lados embaraços bem sérios, questões bem melindrosas, antepondo-se ao objetivo civilizador da Tríplice Aliança e exigindo dos generais e dos diplomatas muita prudência e critério.

*

Nas fileiras do exército o desânimo era latente.

²⁴ Em meu livro – *Campanhas do Uruguai e Paraguai – efemérides* – historio minuciosamente a intervenção ianque em nossa contenda.

Murmurava-se baixinho por toda parte e os generais aliados eram o alvo onde iam quebrar-se esses contrachoques morais nascidos no implacável tribunal que se chama – fogão do soldado – e que misteriosamente invadia todo o campo...

Entretanto, a mais rigorosa disciplina era mantida em plenitude pela austeridade de Porto Alegre, pela tenacidade de Argolo, pela firmeza de Polidoro e pela calma de Mitre.

Mas... murmurava-se sempre!

A indolência dos generais era levada toda a culpa da situação, sem se indagar dos complexos fatores que de toda parte surgiam para criar aquela atmosfera desagradável, aquele indizível mal estar que a todos revoltava.

Nunca sofreu tantas acusações a tradicional indolência da nossa administração; nunca esse característico do luso-brasileiro foi tão acremente censurado, tão combatida essa imprevidência que forma o atributo mais sensível da nossa nacionalidade: — todos queriam avançar contra aquele formidável dorso de terra e leiva que constituía os entrincheiramentos paraguaios, cujo mutismo insolente provocava crispações nervosas naqueles bravos e sofredores soldados.

É que o patriotismo e o amor próprio ofendidos exigiam uma vitória estrondosa, capaz de vingar o desastre de Curupaiti.

* *

Por essa época, outubro de 1866, um desses *gaiatos* que maldizem de tudo e de todos, escreveu a seguinte poesia e, pela calada da noite, fê-la distribuir pelas barracas da oficialidade do 2º corpo do exército que acampava em Curuzu.

É uma espirituosa crítica aos nossos generais – que custou ao seu autor, o capitão ***²⁵, não poucos sustos a princípio e afinal oito dias de *descanso* na guarda do exército:

Já cantaram do Brasil
Os seus lindos palmeirais,
O seu céu, as suas flores,
Os seus ribeiros, os seus cristais...
Porém eu, poeta novo,
Não quero enganar o povo:

– Vou cantar os generais...

Pobre Europa! Quão mesquinha É a fofa história tua! – Queres saber quem foi Nelson?

²⁵ Ocupa hoje saliente posição na administração do país (1899). Em sua especialidade, tem inegável reputação firmada e foi o único oficial que teve promoção por merecimento científico. Não posso declinar o nome, mas... é fácil adivinhar.

Um bom mestre de falua.

– E o que fez Napoleão?

Não passou de um fracalhão

Que foi preso na Cafua...²⁶

O nosso Tamandaré? Isso sim, fia mais fino! Nem o sábio *mal das vinhas*, Com ele compete em tino! Té mesmo em telegrafia, Mostrou tal sabedoria Que me fez repicar sino²⁷.

Barão do Herval: que talento! Polidoro: que finura! Porto Alegre: gênio raro! Na guerra que tanto dura! E a não ter gênios assim É plantar roças de capim E mandar vender rapadura...

Malakoff... que fofice Para quem viu Itapiru!

²⁶ Alusão ao desterro de Santa Helena.

²⁷ Esse verso denunciou o autor... Dias antes o almirante Tamandaré foi à estação telegráfica de Itapiru para telegrafar ao general Polidoro sobre matéria urgente. E o capitão ***, encarregado do telégrafo, teve nessa condição uma "rusga" com o velho marinheiro sobre o modo de manipular o aparelho eletromagnético de Siemens, então em uso.

Nem Marengo ou Austerlitz Se compara a Curuzu! – Viva, pois, o herói guerreiro Do Rio Grande, o primeiro. – Neto da velha Suçu...²⁸

Me dirão os tais franceses:

- Onde está Curupaiti?...

Lhes respondo: - Waterloo
Segurou-te Javali...

- Não foi cansaço, foi brio.
Mesmo o tempo era tão frio
Como nunca esteve ali...

Pátria! Sede agradecida,
Tens mui guapos generais.

– Que merecem por seus feitos
Mil estátuas colossais.
Mas... tenho grande receio,
Que não busquem algum meio
De trancá-los nos currais.

²⁸ Apelido familiar da veneranda avó do Visconde de Porto Alegre, segundo me informaram.

- II -

Apareceu divergência sobre quem era o autor desta poesia, infelizmente provocada por um *anônimo*.

No jornal *A Reforma* (Porto Alegre) de 4 de julho de 1899, um *Veterano* afirma ser autor desta sátira o capitão do 4º batalhão de artilharia — Visconde de Albuquerque, que, com todo o seu batalhão, foi aprisionado a 3 de novembro de 1867 e pereceu de fome e maus tratos durante a penosa retirada do exército paraguaio de Humaitá para o Tebiquari.

Acrescenta que a poesia tinha *outros* versos e cita os seguintes:

Calem-se Gonçalves Dias, Magalhães, Mendes Leal, Que eu vou cantar um canto.
Vou cantar os generais.
O Zé Anto, que talento, O Kelly – que manobrista. No Drago, tanta prudência
Com as granadas à vista.

O Andréa, esse sim.
Valente como ele não há;
Nem mesmo o forte Murat.
A vinte e quatro de maio
Como ele afrontou a morte!
vi-o passar como um raio
bem por perto do *Transporte*.

Enganou-se o ilustre *Veterano*: os versos que citou em seu artigo são de uma das muitas paródias, imitações ou mutilações àquela sátira, que apareceram por aquele tempo, criticando no mesmo ritmo ora a oficialidade de uma divisão, ora a de uma brigada e até de batalhões ou regimentos que, na maioria dos casos, não se divulgou além do respectivo acampamento.

O *Eco do Sul*, n. 65, de 21 de março de 1867, na terceira coluna da segunda página, publica a poesia tal qual eu a obtive de meu amigo major Tomás Francisco da Costa, um dos veteranos dessa guerra, da qual conserva gloriosas cicatrizes.

O comandante Tomás de Melo Guimarães, então alferes ajudante do 6º batalhão de infantaria e atualmente 1º notário da cidade do Rio Grande, possuidor de extraordinária reminiscência, me afirma também ser autor da poesia o capitão visconde de Albuquerque, a quem pessoalmente conheceu; mas

tenho base para discordar dessas duas opiniões, já pela informação de quem me deu cópia da poesia, já por um fato que pertence ao domínio da lógica:

O capitão Albuquerque *nunca serviu no telégrafo*, como pois conciliar o verso do poeta quando trata do almirante Tamandaré:

... Té mesmo em telegrafia, Mostrou tal sabedoria Que me fez repicar sino!

versos esses que precisamente descobriram seu autor?

Quem se não o encarregado da estação telegráfica *mais próxima do rio* teria a ocasião de *repicar sino* no aparelho *Siemens*, rusgando com o velho almirante?

Sinto deveras não ter autorização para declinar o nome do autor, mas é fácil adivinhar pelas minhas notas...

#########

A PIRIQUITA

Estava ainda escuro quando entrou em forma o 1º corpo do exército.

Das trincheiras de Curuzu rompeu vivo fogo de artilharia.

Os canhões do 4º corpo provisório, assestados no espaldão construído durante a noite, responderam com vigor.

Duas colunas lançaram-se ao assalto: na esquerda o general Gonçalves Fontes guiava cinco batalhões de infantaria; na direita Albino de Carvalho conduzia seis corpos contra o baluarte paraguaio.

E esses onze batalhões, rivalizando em audácia e disciplina, a passo de carga, galgaram impetuosamente a alterosa trincheira; no recinto travaram renhida luta à baioneta, a coice de armas, com a guarnição paraguaia que defendia com furor a posição que lhe confiara o marechal Solano Lopez.

A 4ª brigada de caçadores, comandada pelo coronel Agostinho Piquet, obliquou à direita para contornar a esquerda da praça; a chegada desses quatro corpos desmoralizou o inimigo: principiando a fuga, começou a matança...

Em três quartos de hora o 2º corpo do exército, tomando de assalto o forte inimigo, realizou uma das mais ousadas façanhas que registram os anais dessa porfiada e longa guerra.

Curuzu será sempre o maior florão de glória para esses *paisanos armados* que o general conde de Porto Alegre guiou às plagas inimigas em desafronta da honra nacional.

* *

No flanco direito da 6ª companhia do 5º corpo de caçadores, *um soldado* se distinguira na escalada e na luta à arma branca travada no recinto do forte.

Ainda na meia obscuridade em que principiou o ataque, o coronel Piquet observara por vezes *esse soldado* animar os companheiros e manobrar com precisão a pesada carabina Minié; vira a destreza com que escalara a trincheira guiando o primeiro grupo que por esse lado entrou na fortificação.

Quando começou o entrevero e que as companhias debandaram nessa desordem característica que prenuncia a vitória, na qual soldados e oficiais em grupos formados ao acaso, em absoluta promiscuidade de graduações, agem por conta própria no extermínio do inimigo desmoralizado e vencido, o comandante da 4ª brigada de caçadores ainda observou o *mesmo soldado* praticar um ato de destreza e sangue frio, quando dirigia o grupo nosso contra outro do inimigo que se retirava combatendo.

Alentado oficial atirara formidável golpe de longa e recurvada espada contra um soldado brasileiro, mas o cano da carabina do *companheiro* recebera

em cheio a pancada e, por um rápido movimento que faria honra a adestrado esgrimista, embebera no peito do adversário a baioneta triangular...

O coronel chegava junto ao grupo no momento que o soldado, tão oportunamente livre de tal golpe, dizia ao companheiro:

Obrigado, Piriquita!

O coronel Piquet, intrigado com o estanho apelido em tão bravo soldado, reparou então que ainda mais estranho era o seu fardamento: — blusa azul, *saia encarnada* e chapéu de voluntário... duas bolsas cheias de cartuchos e bornal a tiracolo, cinturão e patrona completavam o equipamento...

* *

Findo o combate foi a Piriquita interrogada...

Simples e natural, a sua presença representando o elemento feminino no assalto de Curuzu; protesto solene ao preconceito social que empresta à mulher incapacidade para as grandes empresas.

Na Tranqueira do Loreto embarcou o 2º corpo do exército nos navios da divisão Torres e Alvim para descer o Paraná até o Passo da Pátria.

As mulheres tiveram ordem de acompanhar as bagagens, os fornecedores e a cavalhada que desceram por terra, seguindo à margem corrientina até o porto de Corrales.

A *Piriquita*, porém, não estava resolvida a separar-se do *seu homem*, e não tendo coragem de sofrer as dores surdas e acabrunhadoras da saudade, enfronhou-se num fardamento, embarcando com a brigada no meio da soldadesca que a protegeu no ardil...

Desembarcou em Itapiru, seguiu para Tuiuti com o 5º de caçadores que entrou em fogo no Boqueirão e nos Sance (16 e 18 de julho), arranjando-se por tal forma que a sua presença não foi notada pelos superiores.

Resolvida a ocupação de Curuzu, na direita do quadrilátero paraguaio, o barão de Porto Alegre ordenou que todas as mulheres que já se achavam com o 2º corpo do exército seguissem para Corrientes.

A *Piriquita não teve coragem* de cumprir a ordem do quartel general; usou do mesmo estratagema que tão bons resultados lhe dera na Tranqueira do Loreto e lá se foi com o 5º de caçadores cobrir-se de glória no assalto de Curuzu.

* *

Quando o 2º corpo do exército marchava de São Borja para o teatro da Guerra do Paraguai, levava um verdadeiro exército de mulheres acompanhando a sua pesada bagagem e imensa cavalhada.

Exército organizado com paisanos ressentia-se de todos os defeitos inerentes a tropas milicianas.

O barão de Porto Alegre, encarregado de disciplinar essa massa de paisanos armados — que aos reclamos da pátria se reuniram em torno do pendão nacional para vingar ultrajantes afrontas do déspota paraguaio — sensatamente tomou a resolução de ir pouco a pouco cortando semelhantes defeitos, à medida que militarizava os corpos — única maneira, aliás, de evitar as deserções em massa tão comuns nos improvisados exércitos da América Latina.

Entretanto, a presença da mulher é de extrema necessidade nos acampamentos e se não fosse o perigo de incutir o desânimo no soldado em momentos de ataques súbitos ou de insucesso em qualquer operação, seria medida de grande alcance prático lhes dar todas as facilidades para acompanhar o marido à guerra.

Refiro-me, porém, à mulher do soldado; à mulher que, pertencendo às classes inferiores da sociedade, é capaz dos mais nobres sacrifícios, da mais sublime dedicação; à que *marcha a pé*, carregando satisfeita e contente a metade do equipamento do *seu homem*; à que, depois de percorrer a regulamentar dezena de léguas, vai ainda, no bivaque, buscar lenha, preparar a frugal refeição, lavar a roupa e cuidar dos filhos; à que, nas ambulâncias e hospitais de sangue cerca de mil cuidados os desgraçados enfermos que nesse

ente dedicado encontram compensação do perdido conforto, nas agruras da vida em campanha²⁹.

Essa é a mulher necessária na guerra e se não houvesse cerca de quatro mil filhas de Eva nos acampamentos de Tuiuti e Curuzu quando invadidos pela cólera, duplicado seria o número de vitimados pelo terrível habitante do Ganges.

Porto Alegre assim compreendeu; levou dois exércitos: só um combatia, o outro ajudava.

##########

²⁹ Taataaaaaa laasi a faastalaaa

²⁹ Testemunhei a fortaleza de ânimo dessas mulheres, que na minha terra têm o significativo nome de "cunhã de soldado", quando em abril de 1885 marchei de Bagé para o Caverá com o 17° batalhão de infantaria.

Muitas vezes, depois de violenta marcha através de intermináveis coxilhas, um terço do batalhão ficava prostrado na estrada: jamais vi caída uma só das 86 mulheres que nos acompanhavam! E ainda mais, quase sempre, quando os sargentos tomavam alinhamento para acampar, da "aldeia" das mulheres, lá na costa do arroio, já subia esbranquiçado fumo de improvisadas fogueiras, anunciando "boia" aos debilitados estômagos...

Quantas vezes, estendido em minha barraca, exausto, alquebrado de cansaço por forçada marcha de seis, oito e dez léguas, ouvia gemer a viola, na aldeia, ao compasso da qual elas "sambavam" toda a noite, e no outro dia, quando recomeçava a viagem, lá iam as nossas companheiras, carregadas de "apetrechos", na retaquarda da coluna, em alegre vozeria!...

PASSAGEM DE HUMAITÁ

Quadro original de DE MARTINO³⁰ Reprodução de LUIZ CUNHA

Memória escrita a pedido do pintor Luiz Cunha para a exposição inaugural do novo quadro.

³⁰ Eduardo De Martino, o célebre pintor de marinhas tão assinalada deixou a sua passagem pelo Brasil, chegava em 1869 à cidade do Rio Grande, baldo de recursos, após sua deserção militar da estação naval italiana no Rio da Prata, em consequência de ter repelido à bala injuriosa afronta de um oficial superior; desgostoso, não quis esperar o veredicto de um conselho de guerra. Hoje, milionário, com universal reputação firmada, vive na Inglaterra gozando o imenso prestígio artístico que soube conquistar à força de talento e trabalho.

Obtendo aqui algum auxílio de particulares, pintou o magnífico quadro "Passagem de Humaitá", o seu primeiro trabalho no Brasil, que vendeu por 1:000\$000 à Câmara Municipal.

Conservando o quadro sem o menor cuidado até 1895, um funcionário municipal entendeu dever limpá-lo e arranjar qualquer ingrediente que o preservasse das moscas e da poeira: lavou-a com potassa e estendeu sobre a tela grossa camada de cola à guisa de verniz!... isso em pleno inverno, na estação úmida. Quando veio o verão, o calor contraiu a cola e a esplêndida tela, estalando em todos os sentidos, inutilizou-se completamente!

O intendente municipal, Dr. Manoel Ignácio de Lacerda Werneck, encarregou então o pintor Luiz Cunha de reproduzir o original: o trabalho está feito, o melhor que é possível esperar de uma cópia, não possui, porém, os tons e as cores do primitivo quadro com as nuances só próprias do pincel de De Martino.

Sobre a destruída tela, que não soubemos conservar, eis como se exprime Vitório Vechy:

- "... É gloria mostra che le dure battaglie sui fiumi siano ricordati sur tela dal pittore Edoardo De Martino da Sorrento, um tempo sotto-tenente de vacello nell'armata italiana ed ora meritamente considerato come il megliore marinista vivente."
- Vid. *Storia generale della Marina Militare*. Firenze, 1892.

- I -

RESUMO HISTÓRICO

A fortaleza de Humaitá, considerada praça forte de primeira ordem, foi reputada inexpugnável pelas sumidades militares da época, notadamente o almirante Mouchez que a visitou alguns anos antes de declarada a guerra, quando ainda se achavam incompletas suas obras complementares.

Edificada na parte côncava de grande curva do Rio Paraguai, apresentava perfeita figura de gigantesca ferradura, num canal de oitocentos metros de largo e com o desenvolvimento de sete e meio quilômetros.

Montava 180 canhões em quatorze baterias para o lado do rio.

Próximo ao ângulo S. da fortaleza, em oito metros acima do nível máximo das águas, erguia-se a célebre bateria de *Londres*, casamata com dezoito canhões de 80 calibres; seguiam-se: a da *Cadena*, à barbeta, com dezesseis peças; a de *Ambóro* prolongava-se para o N., com dez; a da *Concha*, com quatorze; a de *Humaitá*, com duas de 120 calibres; *Maestrança*, com uma; *Taquari*, com seis; *Coimbra*, com três; *Commandancia*, com cinco; *Octava*, com onze; *Cambrone*, com doze; *Umbú*, com onze.

Do lado de terra, trinta e seis bocas de fogo de 32 e 68 guarneciam o setor denominado – *Division del Sur* – e quarenta e quatro, a maior parte de 68, cobriam o setor *Division del Este*.

Toda artilharia do lado do rio podia em dado momento convergir o fogo para o ponto mais estreito do canal, onde tríplice linha de *cadeias de fragata*, cochadas com duplo forro de cabos de arame, o atravessava obliquamente, apoiado em pontões de ferro.

Um navio, detido por essa fortíssima corrente, desgovernado pela reveza das águas, sem manobra possível em consequência da estreiteza do canal que não oferecia espaço para virar ainda mesmo empregando as hélices, estaria irremediavelmente perdido sob ação de 100 bocas de fogo de grosso calibre, por mais poderosa que fosse a couraça que o revestisse.

- II -

Resolvido pelo marechal marquês de Caxias, comandante em chefe de todas as forças brasileiras, o forçamento das temerosas baterias a fim de completar o cerco da praça com a ocupação da parte superior do rio e operar contra as linhas de recursos do inimigo, o vice-almirante barão de Inhaúma³¹ entregou ao capitão de mar e guerra Delfim Carlos de Carvalho³² uma divisão de couraçados para levar a efeito o ousado cometimento.

No porto Elisário, organizou-se a expedição com os seguintes navios:

Barroso – capitão-tenente Arthur Silveira da Mota³³.

Bahia – capitão de fragata Guilherme José Pereira dos Santos³⁴.

Tamandaré – capitão-tenente Augusto Cezar Pires de Miranda³⁵.

³¹ Mais tarde almirante e visconde. Depois de destruir todas as fortalezas paraguaias, retirou-se do teatro da guerra, falecendo ao chegar no Rio de Janeiro a 8 de março de 1869.

³² Por esse feito foi agraciado com o título de barão da Passagem. Faleceu no posto de almirante a 20 de maio de 1896.

³³ Agraciado com o título de barão de Jaceguai. Hoje assina-se Arthur de Jaceguai. É um dos poucos sobreviventes desse feito glorioso e um dos profissionais mais competentes da nossa marinha.

³⁴ Faleceu no naufrágio da lancha *Pimentel*, no Rio Paraná, a 1º de novembro de 1868.

Pará – 1º tenente Custódio José de Melo³⁶.

Rio Grande - 1º tenente Antônio Joaquim³⁷.

Alagoas - 1º tenente Joaquim Antônio Cordovil Mauriti³⁸.

Para proteger a operação e durante ela bombardear as fortificações do inimigo, seguiram os couraçados:

Lima Barros, com o pavilhão do chefe José Maria Rodrigues, e o Silvado, que deram fundo em frente à bateria de Londres, para batê-la e metralhar todo o espaço alcançado pelos seus canhões: o primeiro propositalmente encalhou de proa e o último amarrou-se às árvores da margem para maior estabilidade dos fogos.

Em linha, junto à costa do Grão-Chaco, postaram-se o *Colombo* e o *Cabral*. O *Brasil*, com o pavilhão do comando em chefe, colocou-se a meio do rio, no lugar de maior perigo e ponto de convergência para a metade dos canhões da praça.

No porto Elisário o couraçado *Mariz e Barros* ficou guardando o hospital de sangue e os depósitos.

Na Lagoa Pires, o capitão de mar e guerra Afonso Lima, com as canhoneiras *Iguatemi*, *Mearim*, bombardeira *Pedro Afonso* e chata *Mercedes*, tomou posição conveniente para bater de revés as baterias contrárias.

Diante de Curupaiti, o contra-almirante Torres e Alvim postou-se com as canhoneiras *Magé, Belmonte, Beberibe, Ipiranga, Araguai, Princesa de Joinville,*

³⁵ Faleceu de moléstias adquiridas nessa campanha.

³⁶ Hoje almirante e desgraçadamente no quadro efetivo da armada!... Adquiriu tristíssima celebridade chefiando a revolta de uma parte da esquadra nacional em 1893.

³⁷ Faleceu no combate de abordagem, que sustentou o monitor *Alagoas*, de seu comando, a 9 de agosto de 1868, no Tagy.

³⁸ Hoje almirante.

bombardeira *Forte de Coimbra* e chata *Cuevas*, com ordem de bombardeá-lo vigorosamente logo que o inimigo pressentisse a aproximação dos couraçados.

- III -

À meia-noite de 19 de fevereiro de 1868, suspendeu toda a esquadra e a expedição do capitão de mar e guerra Delfim de Carvalho navegou rio acima.

- O *Bahia*, governando mal, encalhou no Chaco, e, desembaraçado após grande trabalho, aproximou-se do navio almirante: o prático do rio manifestou receio de investir assim o estreito canal; a resposta do barão de Inhaúma foi breve e concisa:
 - Siga!...
- O *Barroso*, com o monitor *Alagoas*, aboçado por B.B. tomou a dianteira; o *Bahia* com o *Pará* navegaram na retaguarda da linha.

Às 3 horas da madrugada a esquadrilha investiu o canal fortificado.

O inimigo, apercebido do nosso movimento pelos sinais de foguetes atirados de Curupaiti, rompeu o fogo: toda a esquadra respondeu.

- IV -

Simultaneamente com a operação naval, moveu-se todo o exército aliado contra as linhas do quadrilátero, abrangendo o círculo da ação um raio de doze léguas geográficas.

Ao serem ouvidos os primeiros tiros da esquadra, o 2º corpo do exército, ao mando do marechal Argolo Ferrão, avançou de Tuiuti contra os setores de

Rojas, Sauce e Espinilho; o exército argentino, sob o comando do general Gelly y Obes, auxiliado pelas tropas uruguaias do general Enrique Castro, atacou o Angulo e o Passo Canoa; o 3º corpo do exército, guiado pelo marechal Osório, saiu de Tuio-Cué contra o setor do Passo-Pocú.

O general Andrade Neves, à frente de uma divisão de 7.000 homens das três armas, atacou o forte *Estabelecimento*, obra avançada de Humaitá, defendido por 2.000 homens, 15 bocas de fogo e dois navios no rio que lhe protegiam os flancos.

- V -

"De repente" diz o almirante, "grandes fogueiras iluminaram o Chaco em frente ao canal, recrudesce a fúria do inimigo e a atmosfera tornou-se uma abóboda de ferro e fogo: *na minha longa vida militar* nunca vi espetáculo tão grandioso.

Às 4 horas um foguete lançado além das cadeias, anunciou-me ter o primeiro grupo dos nossos navios transposto esse passo.

O entusiasmo com que este sinal foi recebido pelas guarnições da esquadra é indescritível.

Outro foguete, depois o terceiro mais tarde, deram-me a conhecer que a vitoriosa 3ª divisão demandava já novos perigos, tendo vencido os primeiros, reputados insuperáveis.

Vejo, porém, vir águas abaixo um monitor.

Era o *Alagoas*, que, cortados por balas inimigas os cabos do seu reboque, quando já havia ultrapassado as cadeias, fora obrigado a separar-se de seu chefe e vinha receber ordens à esquadra.

Ordenei-lhe que desse fundo.

Mas seu comandante, 1º tenente Antônio Joaquim Cordovil Maurity, ouviu tanto a minha ordem como Nelson viu em Copenhagen pelo olho cego o sinal de retirada que lhe fez Parker: seguiu rio acima e lá foi em demanda de sua divisão.

Arrojos como este só os pratica um verdadeiro bravo; deixei-o seguir seu belo destino.

Doug protogo otog tão pobrog

\sim	4	_	_	_	_	J ~		т.	т.			_	:.	٤.	_	_ 1	L	_:		_	£.	 	 _		 	:	٠.	 	: _	_	_	_	 _	L	_	_	 	_1	_		t:	_	 _:	_
Deus protège atos tao nobres.																																												

O fogo de Humaitá cobria o fraco monitor; ia amanhecer, ele ficaria exposto a irremediável e infalível ruína; um novo foguete anunciou-me a sua passagem."

Estava ganha uma grande vitória, estava resolvido um difícil problema: a marinha brasileira tinha-se elevado à altura das mais importantes.

O prestígio de Humaitá esvaecera-se como em 15 de agosto esvaecera-se o de Curupaiti; o memorável 19 de fevereiro ia registrar não só uma vitória, mas ainda um ato da mais insigne bravura: o feito do 1º tenente Maurity."

- VI -

MOMENTO HISTÓRICO

O quadro representa a parte S. da fortaleza, deixando ver nitidamente a casamata da bateria de *Londres*, um pouco confusa como que cobertas por nuvens de fumo, se avistam as da *Cadena*, *Ambóro* e *Concha* e os diversos aquartelamentos situados atrás e um pouco ao longe.

O couraçado *Brasil*, fundeado a meio canal, bombardeia as quatro baterias paraguaias que lhes ficam ao alcance; o *Cabral* e o *Colombo*, protegidos pelas sombras da densíssima mata do Chaco, batem todo o espaço fortificado desde a bateria de *Londres* até o extremo S. da praça.

Os couraçados *Lima Barros* e *Silvado*, postados junto à alterosa barranca da margem esquerda, em vantajosa posição, cobrem de granadas a parte da fortaleza compreendida entre as baterias *Concha, Humaitá, Maestrança, Taquari, Coimbra* e *Cambrone*, ficando ao alcance de seus poderosos canhões a igreja de S. Carlos, os aquartelamentos de infantaria, o quartel general e os depósitos de víveres da 1ª divisão.

Montando a península do Chaco, em frente à bateria de *Cadena*, vê-se o couraçado *Tamandaré* e o monitor *Pará* transpondo o local de maior perigo, onde a reveza das águas maior ação exerce sobre o flanco do navio que sobe, em consequência da direção curvilínea da corrente.

Entre o navio almirante e o ponto em que se vê fundeado o *Lima Barros*, aparece bem visível o monitor *Alagoas*, iluminado pelo clarão da fogueira do Chaco, enfrentando águas acima o fogo convergente dos 18 canhões de bateria de *Londres*: é o episódio mais interessante da passagem de Humaitá, realizado com tanta felicidade que os contemporâneos o igualaram às grandes empresas de Nelson, Halelin e Farragut³⁹.

³⁹ O episódio do *Alagoas* vai com os anos se transformando em exagerada lenda, com grave prejuízo da verdade histórica. O próprio almirante exagerou o fato.

A verdade é esta: O monitor passou ainda protegido pelo escuro da madrugada, graças às suas pequenas dimensões que permitiram navegar, no primeiro ramo da curva, encostado às barrancas da margem esquerda, e, depois de transportar as correntes, bem encostado ao Chaco, envolto nas sombras da mata. Duas vezes somente esteve exposto: quando enfrentou a bateria de *Londres* e quando, atravessando obliquamente o canal em frente da *Cadena*, passou a margem direita – nesta sujeito a grave perigo, porque podia receber fogo pelos flancos e pela popa.

O clarão que se nota no horizonte, no fundo, é produzido pelo fogo dos 80 canhões paraguaios, opostos aos exércitos aliados, respondendo ao bombardeio das 160 bocas de fogo que manobravam desde Tuiuti até o forte do Estabelecimento.

No momento da ação, funcionavam 589 peças de artilharia e cerca de 50.000 fuzis; as águas do rio agitavam-se em ondas de altura nunca vista ali; o ribombo dos canhões era ouvido em Itapirú, Passo da Pátria e Corrientes.

"... O horizonte em toda a vasta extensão ocupada pela nossa linha permaneceu desde então como que iluminado sinistramente pelas chamas de um vasto incêndio.

As bombas, as balas rasas, as granadas, os foguetes, os tiros de fuzil se entremeavam e se sucediam de tal forma, que não havia o intervalo de um momento nem o repousar de um instante."

##########

HOSPITAL FLUTUANTE

Carta dirigida à redação de *A República* do Ceará, em 11 de junho de 1898.

Sr. Redator.

Noticiando *A República* de ontem o equipamento do hospital flutuante *Solae*, da marinha militar dos Estados Unidos, para servir na atual guerra entre essa potência e a Espanha, acrescenta:

"... É o primeiro navio no seu gênero na história das operações navais."

Permita, meu caro confrade, que reivindique para o Brasil a prioridade do invento, pelo menos nas campanhas navais feridas na América, pois tenho à vista a célebre obra de Vitório Vecchio – *Storia generale della Marina Militare* (Firenze, 1892) e nenhuma referência encontro sobre tal assunto antes da nossa luta com o Paraguai.

Durante a campanha de 1864-1870, tivemos diversos hospitais flutuantes, entre os quais cito de memória — o *Onze de Junho, Eponina, D. Francisca* e *Anicota*, além de outros que foram se armando à medida que progrediam as operações.

O primeiro hospital flutuante que tivemos foi o Onze de Junho.

Esse navio, antigo vapor argentino *Iniciador*, que se empregava no tráfego de passageiros entre Buenos Aires e Montevidéu, foi comprado pelo vice-almirante Tamandaré, juntamente com o *Tramandaí* (antigo *Fra*), para armá-los em guerra e compor a esquadrilha que, sob o comando do chefe Barbosa da Lomba, devia transpor o Salto Chico no Rio Uruguai e ajudar o cerco da Vila de Uruguaiana, então ocupada pela coluna paraguaia do tenente-coronel Estigarribia, onde não podiam chegar os vasos da esquadra em consequência do seu grande calado.

Com magníficas acomodações, serviu algum tempo de *navio almirante*, e o nosso legendário Tamandaré, içando o seu pavilhão em tal navio, honrava a data que hoje comemoramos, da grande batalha naval de Riachuelo, travada há 33 anos precisos.

A 5 de março de 1866, o *Onze de Junho* foi incorporado à esquadra de operações no Paraná e Paraguai, transformado em *hospital de sangue*, com todas as instalações necessárias a tão importante serviço.

Dirigiram os trabalhos médicos nesse hospital, onde se praticaram as mais importantes operações cirúrgicas em toda campanha, os Drs. João José Damásio e Pedro Autran da Mata Albuquerque.

A ideia de transformar o *Onze de Junho* em hospital flutuante, pertence ao benemérito conselheiro Francisco Otaviano de Almeida Rosa, nosso ministro no Rio da Prata, o qual, tomando parte ativíssima nos conselhos de generais durante todo o trabalhoso período de organização, sempre lembrava medidas humanitárias tendentes a minorar os horrores da guerra — medidas que escapavam aos responsáveis pelos sucessos propriamente militares que se viam absorvidos pelos graves problemas tático-estratégicos, na espantosa confusão dos primeiros meses da campanha de invasão, em que *tudo* estava por fazer.

Portanto, ao nosso eminente patrício conselheiro Francisco Otaviano cabe a glória de tão útil *invenção*, pois é certo que se não existissem os três hospitais flutuantes, *Onze de Junho*, *Eponina* e *D. Francisca*, após os sangrentos combates da Confluência, Estero Belaco, Tuiuti, Curuzu, Curupaiti, Boqueirão e Sauce, nos quais tivemos mais de 15.000 homens feridos, que receberam os primeiros curativos ali junto às barrancas do Rio Paraguai, sendo depois comodamente transportados para os hospitais de Corrientes – muito mais avultado seria o número de mortos, como facilmente se compreende em uma época em que a cirurgia e a antissepsia estavam tão atrasadas.

E tais foram as vantagens colhidas com esse sistema, que o governo sueco, impressionado pelo relatório do tenente Alfredo Lindback (que assistiu às operações da nossa esquadra), mandou construir um navio expressamente para esse fim, segundo os planos do mesmo tenente e do corpo médico naval.

A Suécia foi, pois, a segunda potência que armou hospitais flutuantes.

* *

E já que tratei dos nossos hospitais flutuantes, permita recordar aqui a comovente história do *Eponina*.

A colônia brasileira residente em Buenos Aires, por meio de subscrição, comprou o vapor *Portená* que, como os outros acima mencionados, empregavase no tráfego de passageiros entre a capital argentina e Montevidéu.

Deram-lhe o nome *Eponina*, em honra à esposa do conselheiro Francisco Otaviano, e o ofereceram ao governo brasileiro para o serviço da guerra.

Logo que começaram os combates do ano de 1866, esse vapor foi empregado no transporte dos feridos para os hospitais de Corrientes, Buenos Aires e Montevidéu, e a seu bordo faleceu em viagem, além de outros, o nosso conterrâneo general Antônio de Sampaio, ferido na batalha de Tuiuti, quando era transportado para o nosso magnífico hospital central de Buenos Aires.

O AROUIVO MONTENEGRO E A GUERRA DO PARAGUAI: REGISTROS TEXTUAIS E ICONOGRÁFICOS

A 6 de janeiro de 1867 foi esse navio totalmente destruído por violento incêndio, cuja causa jamais pode ser averiguada.

Achava-se atracado à barranca de Curuzu, servindo de hospital de sangue e cheio de feridos e doentes, quando ocorreu o sinistro.

De cerca de duzentos enfermos, nenhum pode ser salvo: toda tripulação pereceu!

Logo que arvorou o sinal de *fogo a bordo*, toda a esquadra suspendeu para socorrê-lo, mas as chamas o envolveram tão rapidamente que foram improfícuos os desesperados esforços feitos para salvar os desgraçados enfermos; tornou-se necessário metê-lo a pique, porque estava transformado em medonho braseiro.

Nunca se pode averiguar também o número das vítimas, pois apenas boiaram onze cadáveres.

Eis o que lhe posso dizer, de momento, sobre os nossos hospitais flutuantes.

Ceará, 11 de junho de 1898.

##########

APÊNDICE - ASSUNTOS MILITARES⁴⁰

- I -

No *Correio Mercantil* de 17, lemos um artigo do Sr. J. Arthur Montenegro sobre assuntos militares e ficamos pasmos *diante de uma nota* que acompanha aquele artigo.

O Sr. Montenegro *condena a ordem para a formatura de infantaria no combate*⁴¹.

É simplesmente irrisória semelhante ideia na época atual.

Hoje que a artilharia tem chegado a um aperfeiçoamento admirável, tanto em precisão como em alcance de tiro, a que ficaria reduzida a infantaria apresentando-se em combate *em coluna cerrada*?⁴²

O Sr. Montenegro está perfeitamente errado em dois fatos que cita ali.

No primeiro diz que no combate de *Sarrebruck*⁴³ os alemães perderam em dez minutos 1.600 homens. Está enganado.

 $^{^{40}}$ Como disse na nota 9 – este artigo é da pena do major do corpo de engenheiros do exército J...

D... M., segundo me informou um amigo comum.

⁴¹ O grifo é meu: atenda-se bem sobre semelhante proposição...

⁴² Ibid.

⁴³ Ibid.

O combate de Sarrebruck feriu-se a 2 de agosto e não a 18, como diz o Sr. Montenegro. O combate foi resolvido a 31 de julho, em um conselho composto dos generais Frossard, de Fally e presidido pelo marechal Mac Mahon.

O general Frossard comandava a força que operou e esta força era composta da divisão Bataille, toda de infantaria e formada do 12º batalhão de caçadores, 8º, 23º, 66º e 67º regimentos de infantaria, tendo mais duas baterias de artilharia calibre 4 e uma bateria de metralhadores e uma companhia de engenheiros.

A divisão Bataille tinha com apoio, no flanco direito e à retaguarda a brigada Micheler da divisão Leveaucouper, de infantaria, e no flanco esquerdo outra brigada também de infantaria, a brigada Valazi, da divisão Vargé.

As outras brigadas destas duas últimas divisões ficaram nos acampamentos.

A guarnição de Sarrebruck compunha-se de um batalhão do regimento n. 40 de fuzileiros de Hohenzollern e de três esquadrões do regimento n. 7 de ulanos do Reno.

Esta força era comandada pelo tenente-coronel de Pestel, tinha como apoio na retaguarda os dois outros batalhões do regimento n. 40, um esquadrão do 9º de hussards e uma bateria ligeira. Toda a força alemã estava sob as ordens do general Gneisenau, que tinha ordem de retirar-se sobre Lebach, caso fosse atacado por força superior a dele.

Deixamos de narrar as peripécias do combate: nos limitaremos a dizer que: – o general francês começou o movimento às 9 horas e 3/4 da manhã e que à 1 hora da tarde o general alemão, seguindo as instruções que tinha, começou a retirada, indo acampar no dia 3 pela manhã em Hilschbach.

As perdas foram para os alemães de: 4 oficiais feridos e 8 soldados mortos, 64 ditos feridos e 7 extraviados; para os franceses: 2 oficiais mortos, 4 feridos, 9 soldados mortos e 71 feridos.

Vê-se, portanto, que não só nunca esteve presente nenhuma 5ª divisão prussiana, como também que os alemães nunca tiveram 1.600 homens cortados pela cavalaria francesa, à espada.

Erra o Sr. Montenegro quando diz que os alemães só empregaram a ordem dispersa em Sarrebruck.

O exército alemão nunca abandonou *os tais atiradores e o seu corte de reforço e apoio*.

Até hoje o exército alemão adota o que o Sr. Montenegro condena. O príncipe de Württemberg, tratando da tomada de Bourget em 30 de outubro de 1870, diz –"as colunas dos flancos enviaram para a frente pelotões *em atiradores* que ganhavam terreno em acelerado, deitando-se depois. Atrás seguiam igualmente as *reservas e apoios* também em acelerado e em pequenos grupos".

Esta citação que acabamos de fazer, o Sr. Montenegro encontra na seguinte obra – Ensai historique sur la tactique de l'infanterie, par le Capitain Gérôme –, obra publicada em Paris em 1875.

Tratando ainda da tomada de Bourget, diz a obra acima citada – *a ordem dispersa estava pois demonstrada pela experiência*.

O regulamento de 20 de junho de 1874 para o serviço dos exercícios alemães, trata no art. 464 sobre os atiradores: — A descrição do combate de Sarrebruck, o Sr. Montenegro encontra com todos os detalhes na — *Histoire générale de la guerre Franco-alleman, par le commandant Rosselet*.

Foi igualmente infeliz o Sr. Montenegro na citação que fez do *negócio* do 30º batalhão no Passo Fundo⁴⁴.

Este batalhão marchava apressadamente, em *marcha de estrada*⁴⁵, quando foi, de surpresa, atacado por cavalaria.

Quem viu as marchas das forças durante a revolução, sabe que na infantaria – a marcha de estrada não tinha a menor regularidade⁴⁶. Imagine-se o que não seria essa marcha feita apressadamente. Conhecemos bem de perto o 30º batalhão e sabemos como ele marchava.

Podemos garantir que quando foi atacado não tinha uma única de suas frações que pudesse unir rapidamente⁴⁷. Se as marchas de costado são sempre perigosas, esse perigo torna-se duplo nas condições em que foi surpreendido o

⁴⁴ O grifo é meu para melhor chamar atenção do leitor.

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ Atenda-se bem a esta proposição.

⁴⁷ Ibid.

30°. Não estávamos lá, mas testemunhas oculares garantem-nos o que acima dissemos.

Esperávamos com ansiedade a obra do Sr. Montenegro, mas em vista do que ele diz sobre Sarrebruck e Passo Fundo, não temos pressa.

Bagé, 19 de julho de 1896.

Um oficial de infantaria.

- II -

Sr. Redator.

O elevado apreço e gratidão que consagro à sociedade rio-grandense — de quem muito tenho merecido — me impelem, Sr. Redator, a enviar às colunas de seu jornal as linhas que se seguem em resposta ao artigo — Assuntos militares, no qual ilustrado e erudito escritor contesta dois fatos históricos mencionados na "carta aberta" que publiquei a 17 do corrente.

Esboçando apenas o modo por que considero a ordem dispersa, no *campo de batalha*, não condenei *in limine* essa formatura, mesmo porque não conheço outra melhor para assaltar trincheiras ou tomar posições *fixas* ocupadas pelo inimigo que não disponha de cavalaria. E se o meu censor desejar conhecer as razões por que demonstro ser partidário convicto da *ordem cerrada e em linha*, como ordem inicial de combate, desfivele a máscara e provoque discussão para tão momentoso assunto.

Questões dessa ordem, a que se prendem tão elevados interesses, que tão de perto se relaciona com a glória e com a integridade da pátria, não se discutem através da viseira negra do anonimato.

Tive à honra de pertencer às fileiras do exército; conservo bem gratas recordações dos belos dias da juventude em que servi à minha pátria e o muito que prezo a nobre classe a que pertenci durante dez anos, me faz lamentar que um de seus membros, talvez um antigo companheiro de barraca, não tenha a hombridade de envolver com a sua assinatura o projétil com que tentou ferir o humilde e bem obscuro nome do autor destas linhas.

- O cocea nocentum concilia, o semper timidum scelus...

Eu não condenei nem condeno a *ordem para a formatura da infantaria em combate*⁴⁸, porque sem *ordem* nunca se combateu em exército algum do mundo, nem mesmo no tempo em que os *hastários* de Roma, da antiquíssima Roma, lutavam a braço, armados de *pilum* e escudos.

Disse, e julgo que o público assim compreendeu, que condeno a *ordem dispersa* em campo raso na América do Sul, onde por muito tempo ainda a cavalaria terá preponderância tática no campo de batalha.

Também nunca afirmei que a infantaria devesse atacar artilharia em coluna cerrada, nem isso, felizmente, se pode depreender da *nota* que mereceu a

⁴⁸ Palavras textuais do meu censor.

honra de tão elevada crítica: seria um contrassenso que, permita o meu ilustrado contendor, jamais manifestaria estando de posse das faculdades mentais.

* *

Continuo a asseverar que no combate de Saarbrücken, ferido a 6 de agosto de 1870, a 5ª divisão prussiana perdeu em dez minutos 1.600 homens cortados pelos couraceiros da divisão Frossard, quando, guiada pelo general Steinmetz em pessoa, *avançava em atiradores* com o seu cortejo de reforço e apoio contra as baterias francesas postadas nas colinas de Spicheren.

O meu censor enganou-se *redondamente* quando diz que esse ataque foi iniciado pelos franceses, depois do conselho de generais presidido pelo marechal MacMahon (31 de julho).

Confunde sim a tomada de Saarbrücken, que teve lugar no dia 2 com a batalha travada a 6 entre essa cidade e a de Forbach – a que me referi na nota que lhe mereceu tão sério reparo.

Essa batalha ficou com o nome da cidade *retomada pelos alemães* nesse dia e também com a de Spicheren, porque as colinas desse nome constituíram a chave das posições francesas, onde estava o centro apoiado em redutos (no Rothe Berg), mas é certo que se travaram dois combates bem distintos: o primeiro das 6 até às 11 horas da manhã, entre o Rio Saar e a cidade de onde os

franceses foram desalojados, e o segundo, do meio-dia às 7 horas da tarde, entre Forbach e Spicheren, no qual Frossard se viu obrigado a desocupar as alturas e a se retirar pela estrada de Saint-Avold.

A 5ª divisão do 1º corpo, depois de transpor o Saar, às 10 horas, avançou para as célebres colinas onde os franceses detinham sob fogos convergentes a divisão do general Kamecke; logo que chegou ao alcance da metralha Steinmetz, mandou-a tomar de flanco as alturas ocupadas pelos franceses, e na ocasião em que a extensa linha de atiradores enfrentava Stiering-Vendel foi alcançada pela cavalaria. E nessa luta de infantes dispersos e cavaleiros unidos, caiu o general François, um dos mais esperançosos oficiais prussianos, e com ele 1.600 mortos e feridos.

Nesses dois combates que se chamaram – batalha de Spicheren – "... le perdite fuoron maggiore da parte dell'attaco che daquela della difesa. I prussiani perdetero 4.871 homini, i francese 4.078; significante pero fue il numero de prigioneri non feriti che gia que vennero tolti al nemico"⁴⁹.

* *

Na vitrine da Livraria Americana deixo por oito dias em exposição, aberta na página 143, a — *História da Guerra Franco-Alemã*⁵⁰, moldada pelo relatório do

⁴⁹ Vid. – Conte Helmuth von Moltke – *Storia della Guerra de 1870-71*, pág. 21 (Ed. Fratelli Treves, Milão, 1891)

⁵⁰ Ed. de Laemmert.

estado maior prussiano, para que o público possa ajuizar entre o que assevero e o que contesta o meu erudito censor.

* *

Emprazo o distinto *oficial de infantaria*, que tão corretamente se apresenta em terreno histórico, para, com a responsabilidade de seu nome e do elevado posto que ocupa no corpo de engenheiros do exército, vir provar que o exército alemão em todo o decurso da guerra de 1870-71 empregou depois de Spicheren⁵¹ a ordem dispersa em campo raso como ordem inicial de combate.

Caso não o faça, permita que o humilde autor destas linhas estampe o seu nome nas colunas deste jornal e ponha em dúvida os seus conhecimentos profissionais.

* *

⁵¹ O mais curioso de tudo isso é que o próprio autor que o articulista chamou em seu apoio, o príncipe Augusto de Württemberg, teve ocasião de experimentar o valor da ordem dispersa diante do inimigo. Comandando a Guarda Real na batalha de Mars-la-Tour, avançou sobre Dancourt com extensa linha de atiradores cobrindo a sua divisão... sendo repelido por forte carga de arrebatada massa de cavalaria. Quem tomou tão boa "sumanta", depois das ordens terminantes que expedira o quartel general, não preconiza de certo a ordem dispersa como ordem inicial de combate, nem isso se pode deduzir do trecho citado pelo articulista. O príncipe se refere à tomada de Bourget, posição defendida por trincheiras e barricadas, contra as quais – até eu que não tive a honra de descobrir a pólvora – só avançaria em atiradores.

Quanto ao *negócio*⁵² do 30° de infantaria, em cujas fileiras contei amigos de infância e companheiros de fadigas, limitar-me-ei em dizer que distinto e bravo oficial, um dos poucos sobreviventes dessa luta, asseverou-me ter sido o batalhão tomado de surpresa pela cavalaria quando, *em atiradores*, avançava com o inimigo à vista contra as suas posições no combate de Passo Fundo⁵³.

E o fato do meu censor confessar em seu luminoso artigo que durante a revolução *a marcha de estrada*⁵⁴ *não tinha a menor regularidade*, mais vem me convencer de que tenho carradas de razão em condenar a *ordem dispersa*, seja em atiradores na frente do inimigo ou seja em marcha contra as suas posições.

Eu, comandando qualquer força, jamais consentiria que os meus soldados marchassem sem formatura e disso dei prova quando em 1886, *simples sargento em tempo de paz*, conservei constantemente em rigorosa formatura a minha companhia, na marcha de 120 léguas que realizou o 17º batalhão de infantaria de Bagé para o Caverá e vice-versa – de que podem dar testemunho todos os companheiros de então e particularmente o meu chefe imediato Dr.

 $^{^{52}}$ Textual no artigo do meu censor. O vocábulo "negócio" soou dolorosamente em meus ouvidos...

⁵³ Hoje posso dizer o nome desse oficial: é o atual tenente José Coelho Maciel, que na ocasião fiscalizava o 30°.

⁵⁴ "Marcha de estrada", técnica que ainda não vi inserta em regulamentos militares, mas que provavelmente é parte do "progresso" que o exército tem feito nestes últimos tempos...

João José Pereira Parobé⁵⁵ que, militarmente, conservava-se dia e noite no posto que lhe assinalava a ordenança.

Quem fizer o contrário, em qualquer marcha e em qualquer tempo, só pode esperar a indisciplina ou a sorte do 30° em Passo Fundo.

Uma explicação bem necessária:

Coube-me a sorte de não mais pertencer ao exército se quando travou essa luta de irmãos contra irmãos; não tomei, portanto, parte alguma nos acontecimentos e, confesso, fugia até de ler nos jornais essas notícias que ainda hoje me enchem a alma de profunda tristeza.

E como me repugna tratar dessa guerra desastrosa de que foi teatro o Rio Grande do Sul, de que, mau grado meu, só incidentalmente tratei, prefiro que de mim se forme o mais desfavorável juízo como *rabiscador de crônica*, a entrar em discussão sobre tão pungente assunto.

* *

O último tópico do escrito a que respondo, semelha a temerosa inscrição que Dante colocou à porta do seu *Inferno*:

Lasciate ogni speranza voi ch'entrate.

⁵⁵ Atualmente secretário dos negócios das obras públicas do Estado do Rio Grande do Sul.

Mas, como dizia outra inscrição, a que encimava a bela fachada do *finado* Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro:

... Aqui só vale a glória do trabalho.

Sinto profundamente ter perdido tão erudito freguês para um exemplar do *livreco* que preparo sobre a Campanha do Paraguai e só acho lenitivo para tamanha perda lembrando-me que posso ainda encontrar quem compre os restantes.

J. Arthur Montenegro

REGISTROS ICONOGRÁFICOS

As iconografias da Guerra do Paraguai obtidas e organizadas por José Arthur Montenegro e que fazem parte do acervo da Biblioteca Rio-Grandense compõe um conjunto muito maior de fontes imagéticas a respeito da Guerra do Paraguai. Neste primeiro livro está contemplada a coleção de paisagens dos cenários onde transcorreram os confrontos e também dos combates envolvendo as tropas da Tríplice Aliança e do Paraguai.

Foram selecionados 45 registros iconográficos do Arquivo Montenegro, com ênfase às paisagens de diferentes tamanhos e intencionalidades: desde o dado técnico de um mapa detalhado do cenário de combate até o material de divulgação da guerra impresso em jornais caricatos voltados ao grande público como *A Vida Fluminense* e *Semana Ilustrada*, ambos do Rio de Janeiro. Pinturas, cartografia, gravuras, litografias e fotografias dos quadros ou gravuras, são os registros prioritariamente selecionados.

Estas imagens contribuem para preservar os cenários e construir visualizações de um período de restrita, mesmo que já existente, documentação fotográfica dos cenários da Guerra. Por questões técnicas, a fotografia não podia captar imagens em movimento e sim poses estáticas, impossibilitando os detalhes de combates ou ações. Os retratos e pinturas possibilitavam dotar – artisticamente –, de movimento e dramaticidade, um determinado cenário retratado para interagir com os leitores ou apreciadores de obras artísticas. Buscava-se construir um efeito de dramaticidade, heroicidade dos cenários e justificação nacionalista/patriótica do sofrimento e heroicização dos cenários onde dezenas de milhares de combatentes morreram ou foram feridos.

A cartografia, os registros imagéticos e a investigação documental, quando integrados numa construção científica, contribuem para ampliar os cenários e interpretações do passado: desde uma observação dos meios bélicos envolvidos, das tecnologias disponíveis (como balões, telégrafo etc), das indumentárias da população civil, nas construções discursivas e visuais do patriotismo e heroísmo presentes neste material produzido sobre a guerra. A ampliação da noção de documento torna mais complexo o horizonte de quem investiga e traz mais agentes históricos para a inserção reflexiva no tempo do acontecer e no reconstruir o tempo pretérito.

O esforço extraordinário de José Arthur Montenegro para juntar este material contribuiu para termos mais subsídios documentais para a compreensão deste processo histórico platino-brasileiro. Montenegro, desde 1887, realizou um esforço extraordinário para coletar imagens, documentos e bibliografia do conflito. Os custos pessoais deste esforço atingiam, além de sua precária saúde, a sua vida financeira. Ele era um funcionário de empresa privada com recursos restritos para as demandas familiares e para os investimentos com a constituição deste acervo. Seu desejo era ter publicado ainda mais do que conseguiu realizar. Seu esforço solitário e com parcos recursos desencadeou contatos no Brasil e no Prata com participantes do conflito ou interessados no tema. Este trabalho incansável que perdurou 14 anos nos legou, no presente, um acervo com itens que recuam às décadas de 1860-1890.

Em relação à reprodução iconográfica, foram selecionadas imagens que fazem parte do acervo. Para facilitar a leitura, as informações essenciais foram colocadas na parte inferior de cada imagem. A maioria deste material ainda exige investigações para localizá-lo no tempo e no espaço e para compreender o lugar social e as motivações que levaram a sua elaboração.



BATALHA NAVAL DE RIACHUELO (cópia fotográfica do quadro de Victor Meirelles de 1883 realizada pelo fotógrafo Marc Ferrez) — Dedicatória: "Ao distinto cavalheiro Jose Artur Montenegro em testemunho de consideração e subida estima oferece Victor Meirelles. 9/7/94". Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 24,5cm (altura) x 49cm (largura).



BATALHA NAVAL DE RIACHUELO - Detalhe das assinaturas de Victor Meirelles (dedicatória a José Arthur Montenegro) e do autor da reprodução fotográfica do quadro Marc Ferrez (maior fotógrafo oitocentista brasileiro).



BATALHA E VITÓRIA DE CAMPO GRANDE (16 de agosto de 1869). Quadro histórico comprado pelo Governo Brasileiro ao autor, Dr. Pedro Américo – "Rio, 17 de novembro de 1872. A Exma. Sra. D. Narcisa A... homenagem de seu admirador Pedro Américo" (cópia fotográfica do quadro). Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 17 x 27cm.



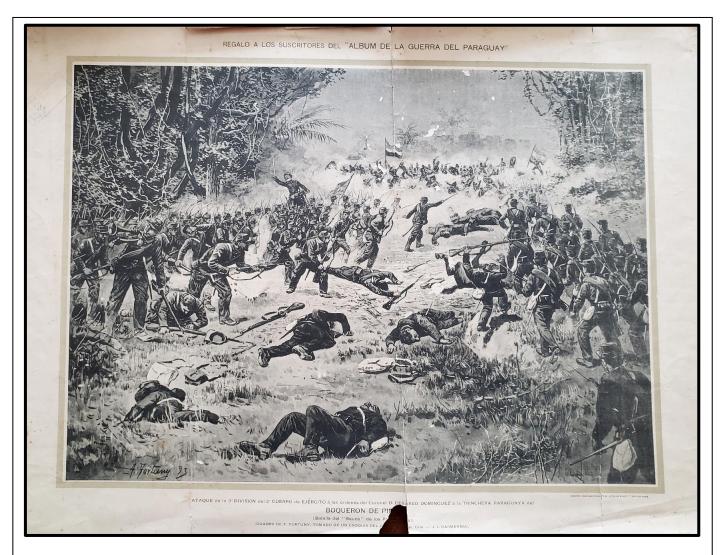
PASSAGEM DE HUMAITÁ, 19 de fevereiro de 1868 (cópia fotográfica do quadro) — "Victor Meirelles de Lima — pinxit. Ao Ilmo. Snr. Jose de Vasconcellos em sinal de muita amizade, respeito e admiração oferece Victor Meirelles de Lima. Recife, 25 de marco de 1874". Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 20,5 x 35cm.



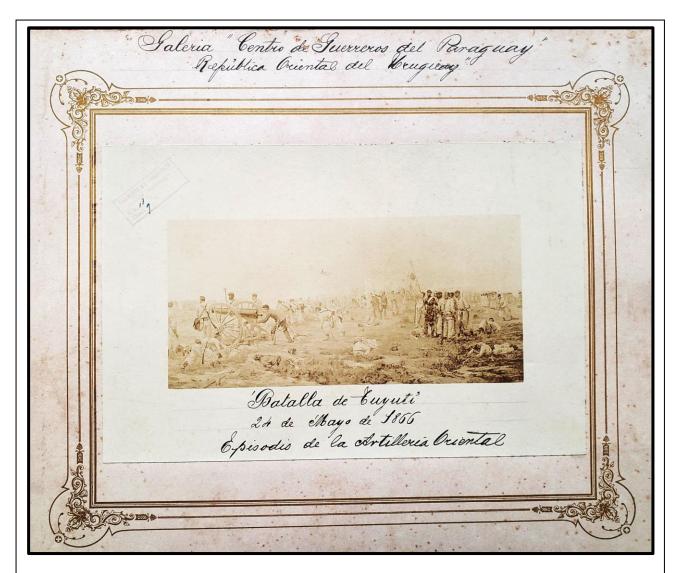
FORTUNY, sem assinatura. – No verso: "Camino a Humaita. Vease el Album". O espanhol Francisco Fortuny (Tarragona, 1865- Buenos Aires, 1942) foi um pintor e ilustrador de livros e revistas publicadas na Argentina. Foi um dos principais retratistas de cenários da guerra e das populações envolvidas neste conflito. Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 20 x 25cm.



BATALLA DE TUYUTY Ganada por el Ejercito Aliado el 24 de Mayo de 1866 bajo el comando en jefe del General Don Bartolome Mitre – Ataque del Ejercito Paraguayo a las lineas argentinas (cuadro original hecho expresamente para el Album). Gravura do "Album de la Guerra del Paraguay", por F. Fortuny. Dimensões da imagem: 36,5 x 50cm.



BOQUERON DE PIRIS (Batalla del "Sauce" de los Paraguayos). Ataque de la 3ª. Division del 2° Cuerpo de Ejercito a las ordenes del Coronel D. Cesareo Dominguez a la Trinchera Paraguaya (Quadro de F. Fortuny, tomado de un croquis del Album del Sr. Gral. J. I. Garmendia). Em cima: Regalo a los suscritores del "Album de la guerra del Paraguay". – No verso: "N. 2, vol. 1. Lamina que acompana la coleccion del "Album de la Guerra del Paraguay" para el Instituto Historico, Geografico del Brasil. Jose C. Soto. Dimensões da imagem: 45 x 58cm.



BATALLA DE TUYUTI – 24 de Mayo de 1866 Episodio de la Artilleria Oriental. Em cima: Galeria "Centro de Guerreros del Paraguay" Republica Oriental del Uruguay (cópia fotográfica de aquarela ou óleo, sem assinatura). Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 20 x 30cm.



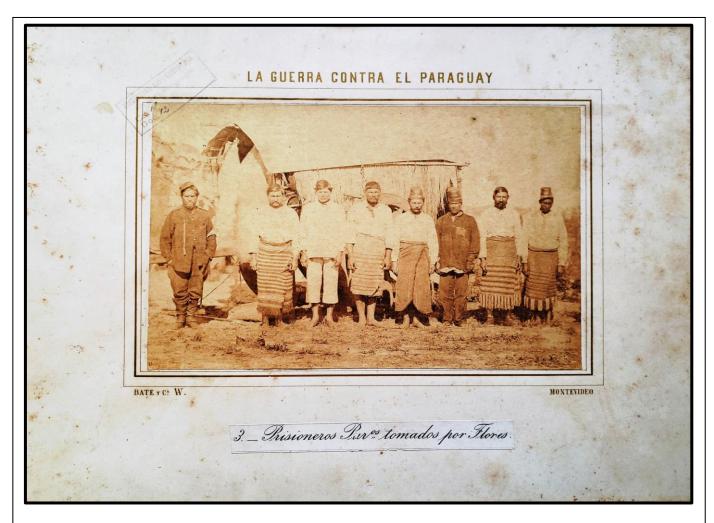
ESTERO BELLACO – 2 de Mayo de 1866. Episodio del "Batallon 24 de Abril" a las ordenes del Sargento Mayor D. Nicomedes Castro. – Em cima: Galeria "Centro de Guerreros del Paraguay" Republica Oriental del Uruguay (cópia fotográfica em óleo ou aquarela, também sem assinatura). Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 20 x 28cm.



RENDIÇÃO DE URUGUAYANA – S. M. o imperador, recebendo a espada do coronel paraguaio Antonio Estigarribia, que se rendeu com 7.500 homens no dia 18 de setembro de 1865. (cópia fotográfica de um quadro de Fontana e Irmão). Para produzir esta imagem, Fontana & Irmão da Photographia Nacional, fotógrafos da cidade do Rio Grande, devem ter fotografado uma litografia de Pedro Américo de Figueiredo e Mello publicada pelo jornal "A Vida Fluminense". Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 14,5 x 27cm.



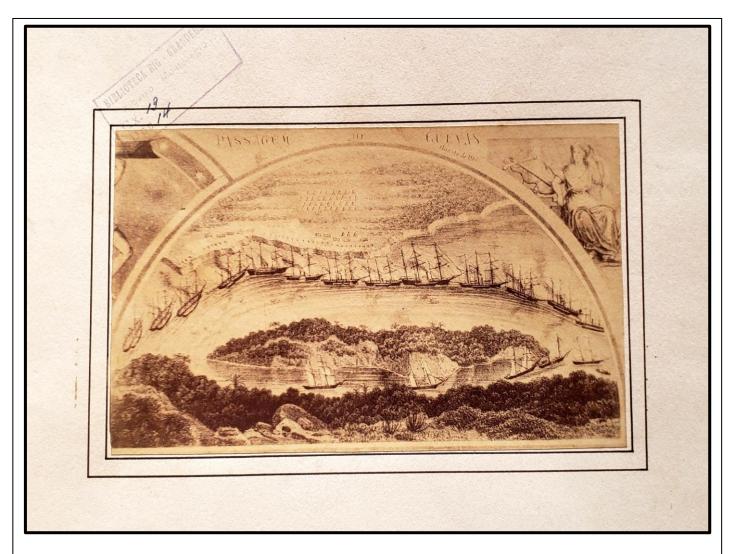
RENDIÇÃO DE URUGUYANA. Outro exemplar do quadro de Pedro Américo feito a partir da técnica fotográfica na Photographia Nacional de Fontana & Irmão. O estado de conservação desta imagem é ruim. Neste exemplar, entre o centro e o canto direito inferior foi impressa uma transcrição referente à rendição paraguaia em Uruguaiana. Esta descrição não consta na imagem anterior. Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 14,5 x 27cm.



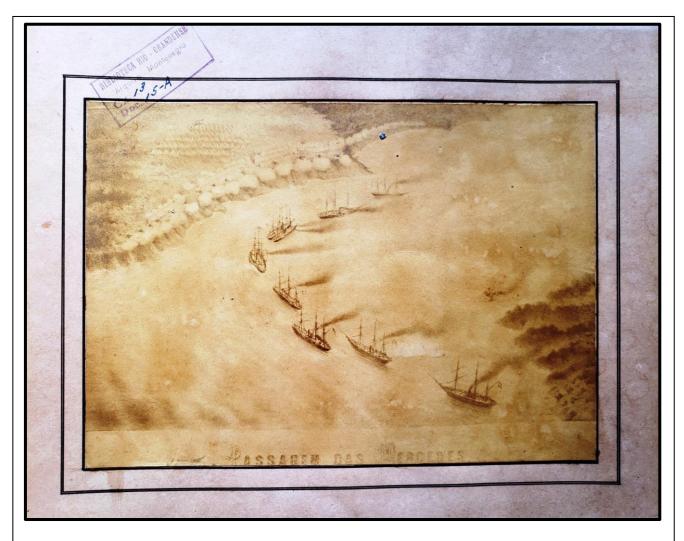
LA GUERRA CONTRA EL PARAGUAY – prisioneiros paraguaios tomados por Flores (fotografia de Bate y Ca.W., Montevideu). A Bate & Cia foi uma empresa sediada na capital do Uruguai que enviou fotógrafos para o campo de batalha e obteve imagens de cenários onde ocorreram os combates. As imagens eram vendidas em álbum chamado de "Guerra Ilustrada" constituído por dez fotografias. Esta é uma destas imagens. Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 23,5 x 31cm.



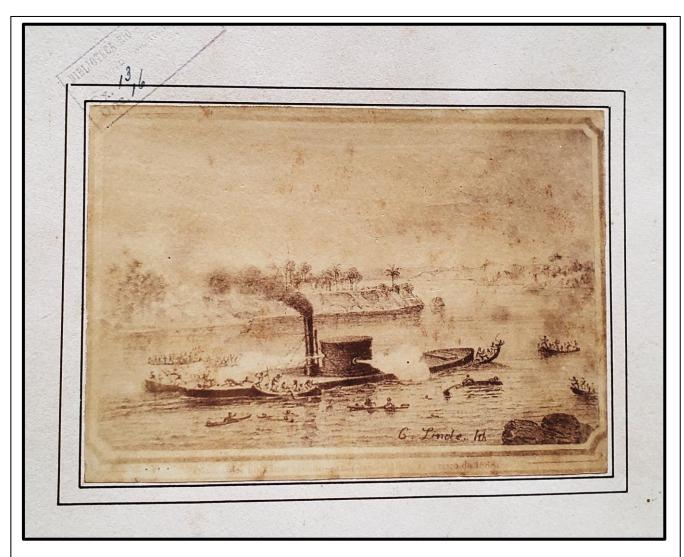
RECONHECIMENTO DE HUMAYTA (cópia fotográfica de quadro a óleo). Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 16 x 24,5cm.



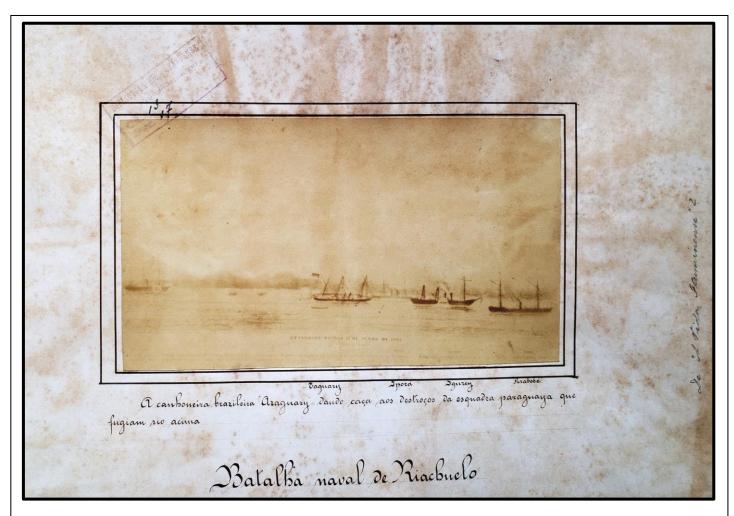
PASSAGEM DE CUEVAS – dia 12 de agosto de 1865 (cópia fotográfica de gravura de "A Vida Fluminense"). Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 9 x 16cm.



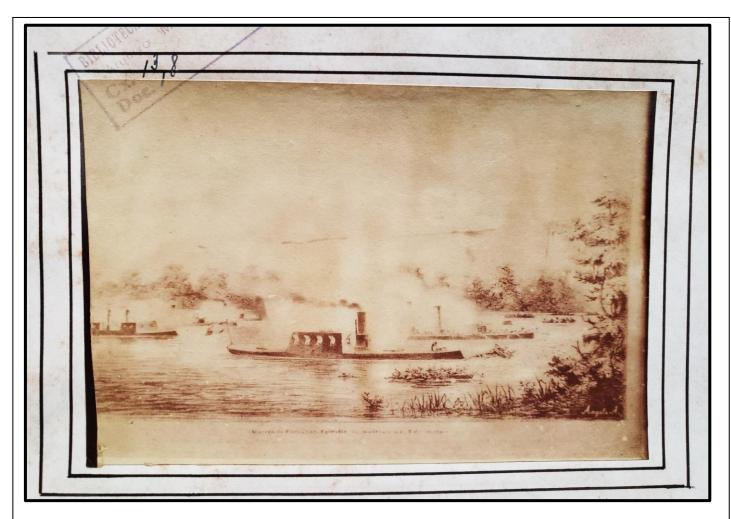
PASSAGEM DAS MERCEDES (segunda cópia fotográfica da gravura). Autoria de Antonio Luiz von Hoonholtz (original no Museu Imperial). Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 14 x 20cm.



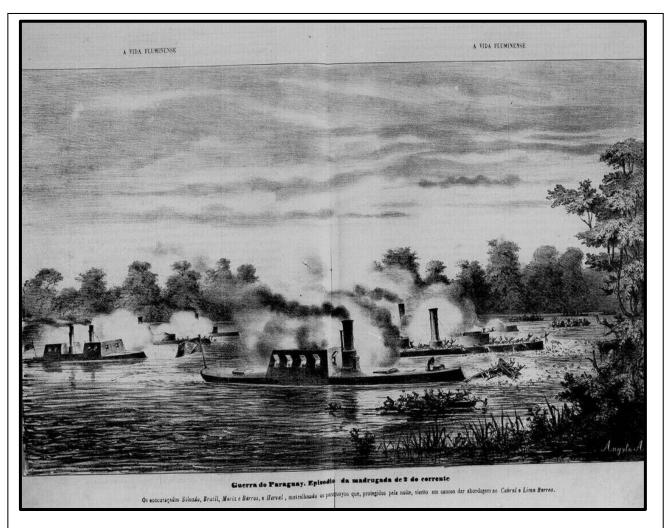
ABORDAGEM DO ENCOURAÇADO ALAGOAS – 19 de fevereiro de 1868 (cópia fotográfica da gravura). Está assinado por C. Linde (Alemanha, 1830 – Rio de Janeiro, 1873) litógrafo e gravurista fundador da "Semana Ilustrada" em 1860. Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 10,5



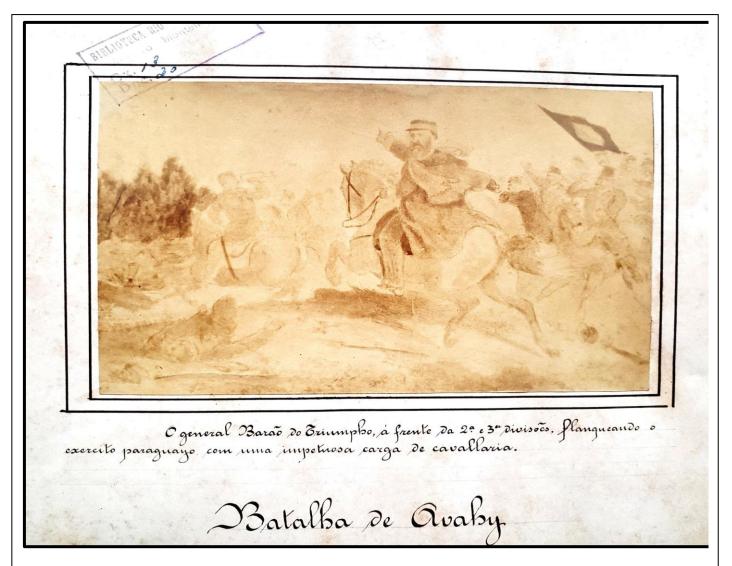
BATALHA NAVAL DE RIACHUELO – a canhoneira brasileira "Araguary" dando caça aos destroços da esquadra paraguaia que fugia rio acima (cópia fotográfica de gravura – de "A Vida Fluminense" – A gravura tem por título: "Episódios do dia 11 de junho de 1865. Sob a fotografia, copiando os dísticos da gravura, Montenegro escreveu nos lugares correspondentes os nomes dos navios: "Taquary", "Ipora", "Igurey", "Pirabebe")". Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 9,5 x 17cm.



ABORDAGEM DOS ENCOURAÇADOS – Cópia fotográfica de uma gravura de "A Vida Fluminense", de autoria de Ângelo Agostini, sob o título: Guerra do Paraguai. Episodio da madrugada de 2 do corrente. Os encouraçados Silvado, Brasil, Mariz e Barros, e Herval metralhando os paraguaios que, protegidos pela noite, vieram em canoas dar abordagem ao Cabral e Lima Barros. Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 8,5 x 12,5cm.



PASSAGEM DO HUMAYTA – O capitão de mar e guerra Delphim Carlos de Carvalho, a frente de uma divisão de couraçados, forca, na noite de 19 de fevereiro de 1868, o canal fortificado, considerado inexpugnável. Gravura de "A Vida Fluminense" de Ângelo Agostini. Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 28 x 40cm.



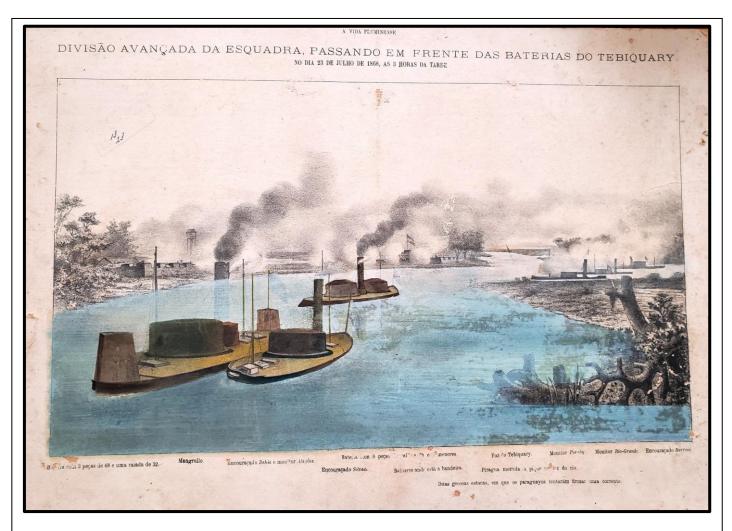
BATALHA DE AVAHY – O general Barão do Triunfo, a frente da 2ª e 3ª divisões, flanqueando o exército paraguaio com uma impetuosa carga de cavalaria (cópia fotográfica de desenho). Passagem do Rio Surubí-hi em 26 de setembro de 1868. "Semana Ilustrada" n. 412, 1868. Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 10 x 14,5cm.



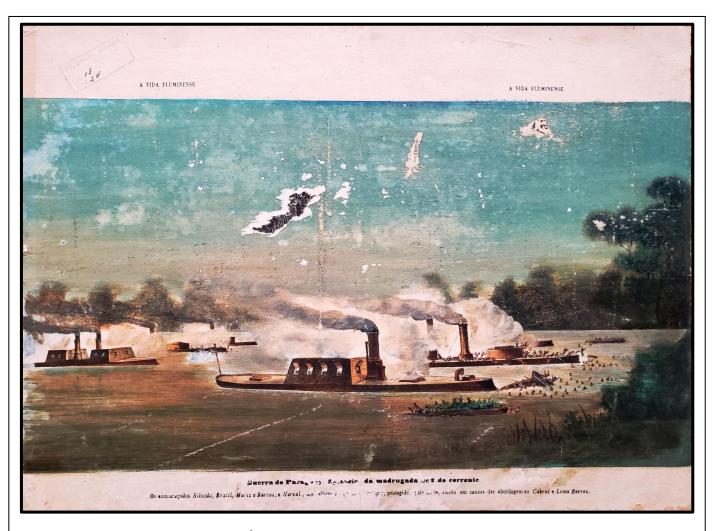
A CANHONEIRA ENCOURAÇADA TAMANDARÉ – depois do combate com as baterias das barrancas de Curupaity, no Paraguai, no dia 22 de setembro de 1866. O desenho mostra as mossas das balas na couraça do lado de estibordo, essas mossas tem de profundidade de 1. a 2. polegadas, e uma junto ao cordão de cintado, penetrou 3. polegadas todas as chapas ficaram aluídas, as cavilas com as cabeças partidas, um turco partido etc., com todas estas avarias, ao sinal do Almirante, seu bravo comandante o Capitão Tenente Elisario Jose Barbosa voltou a tomar a sua primeira posição por entre a linha de torpedos (Lit. Pelvilain. Potosi. 38). A Litografia de Julio Pelvilain estava estabelecida em Buenos Aires e foi a responsável pela publicação do "Álbum Pallière, Escenas Americanas" (1864) .Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 31 x 47,5cm.



GLORIOSO COMBATE DOS ENCOURAÇADOS BRASILEIROS BARROSO E MONITOR RIO GRANDE – atacados pelos paraguaios, na noite de 9 de julho de 1868 (desenhado pelas noticias oficiais por C. Linde - suplemento da "Semana Ilustrada"). Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 28 x 43cm.



DIVISÃO AVANÇADA DA ESQUADRA, PASSANDO EM FRENTE DAS BATERIAS DO TEBIGUARY – no dia 23 de julho de 1868, às 3 horas da tarde (de "A Vida Fluminense"). Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 31 x 47,5cm.



GUERRA DO PARAGUAI. EPISÓDIO DA MADRUGADA DE 2 DO CORRENTE (Gravura de "A Vida Fluminense". Ver doc. no 18, sob o titulo ABORDAGEM DOS ENCOURAÇADOS). Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 31 x 43cm.



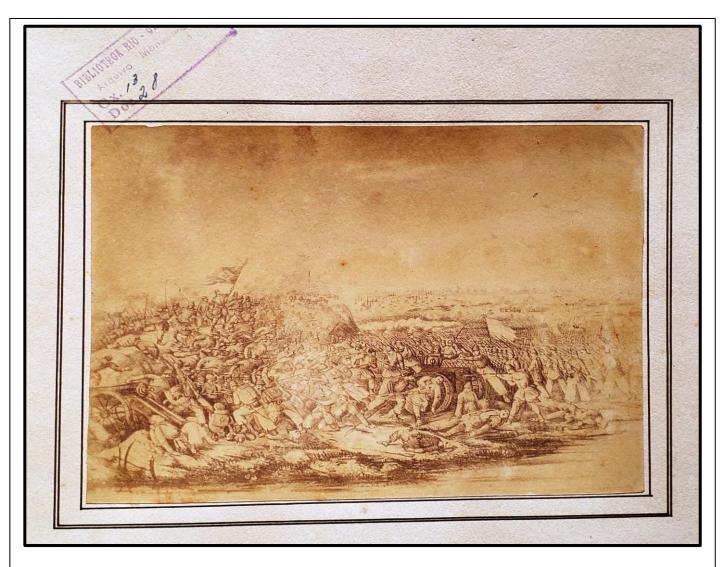
Cópia fotográfica de gravura de combate naval sem identificação. Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 10 x 14cm.



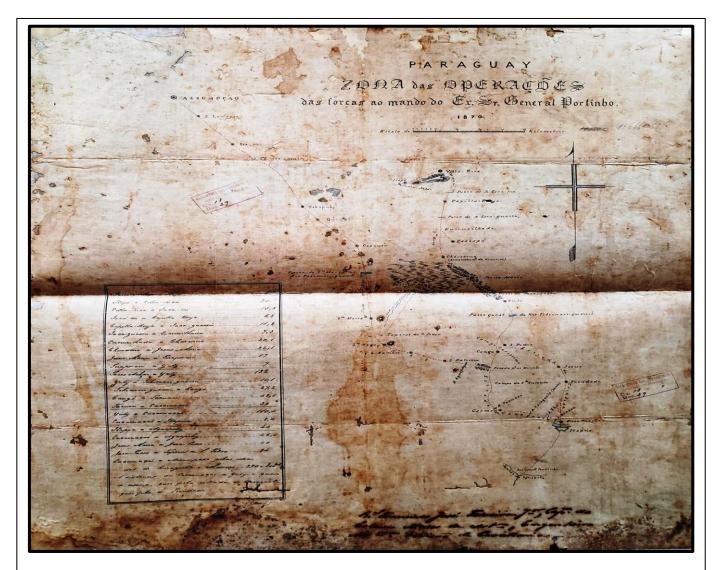
Cópia fotográfica de gravura de combate naval sem identificação. Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 9 x 14cm.



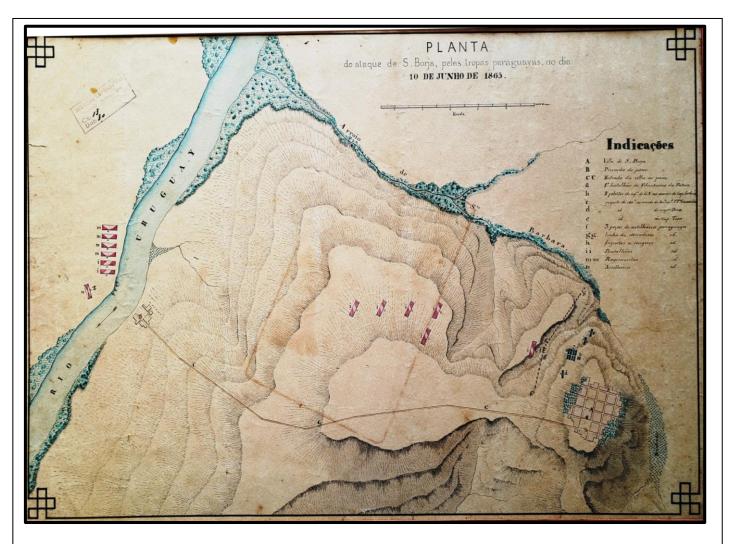
Gravura com alegoria a combate. Cópia fotográfica não identificada. Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 8,5 x 12,5cm.



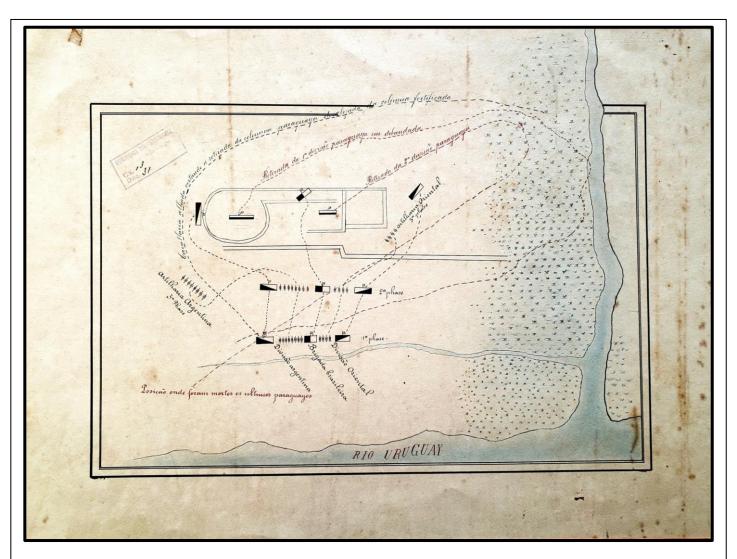
Cópia fotográfica de gravura com alegoria a batalha terrestre não identificada. Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 8,5 x 12,5cm.



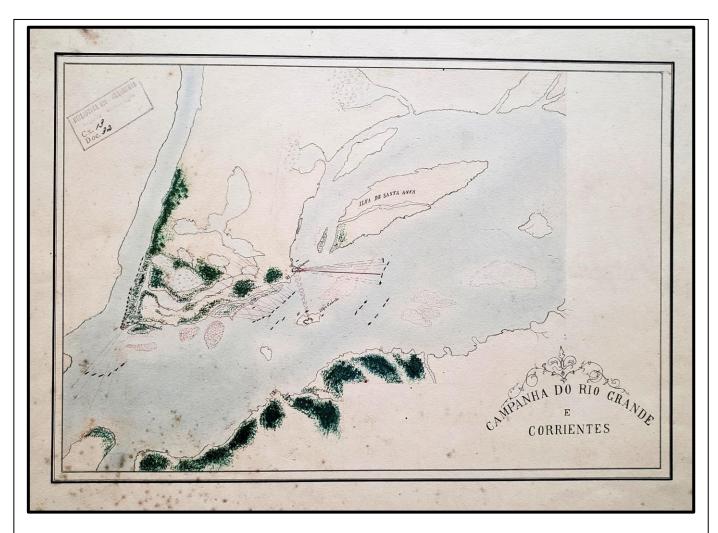
PARAGUAI – ZONAS DAS OPERAÇÕES DAS FORÇAS AO MANDO DO EX. SR. GENERAL PORTINHO, 1870 – (com legenda (a) Bel. Francisco Jose Teixeira Junior – Capitão do Estado Maior de Artilharia, Engenheiro da 4ª Divisão de Cavalaria). Original. Dimensões da imagem: 55 x 46cm.



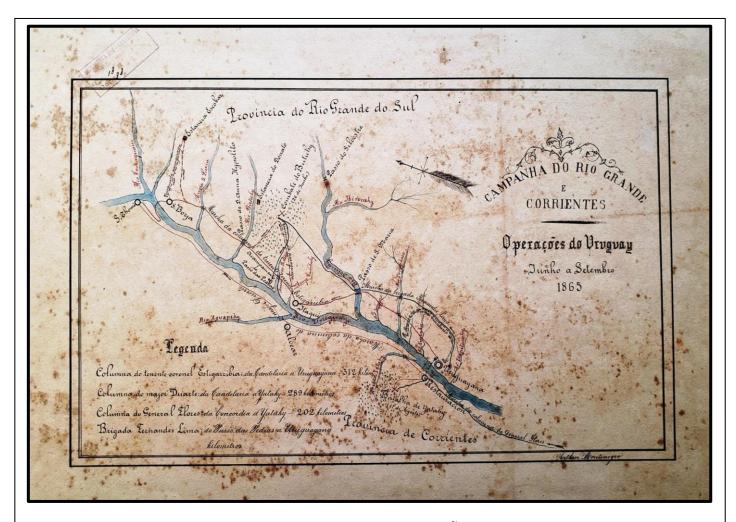
PLANTA DO ATAQUE DE SAO BORJA PELAS TROPAS PARAGUAIAS, no dia 10 de junho de 1865 (desenho de José Arthur Montenegro). Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 31,5 x 48cm.



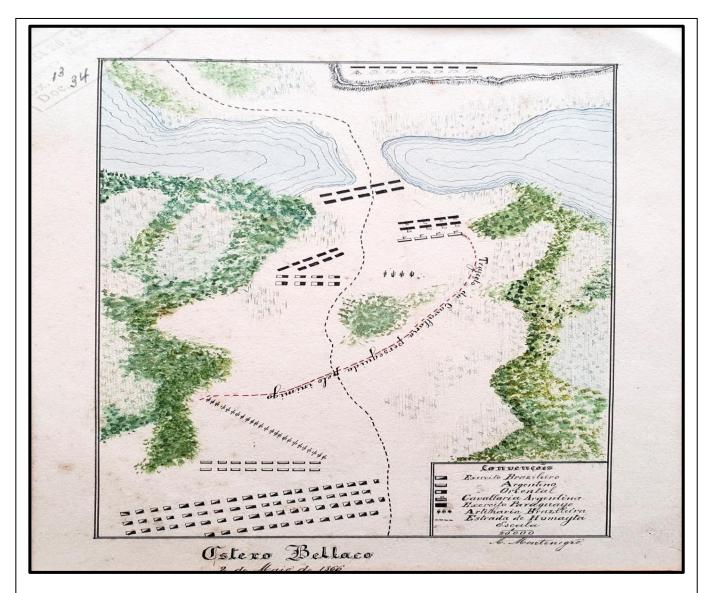
Mapa sem dístico (CAMPANHA DO RIO GRANDE E CORRIENTES, autoria de José Arthur Montenegro) Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 31 x 44cm



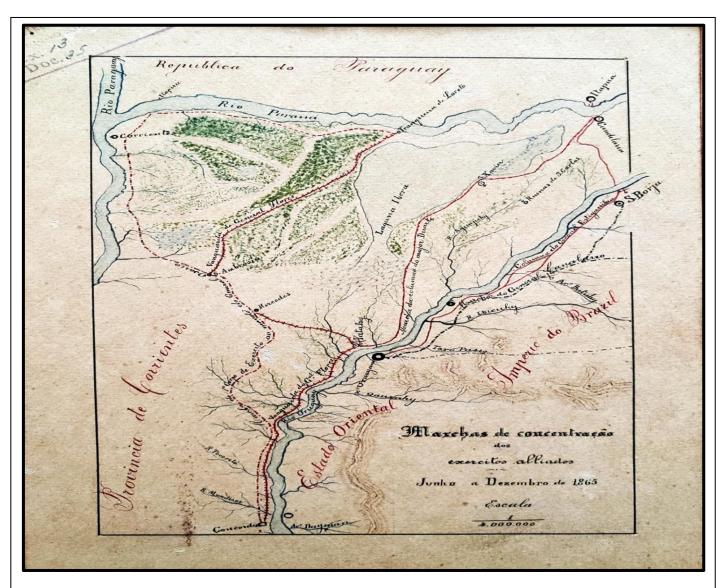
CAMPANHA DO RIO GRANDE E CORRIENTES – (Mapa inacabado de José Arthur Montenegro, do bombardeio de Itapiru e combate do Passo da Pátria). Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 30 x 23cm.



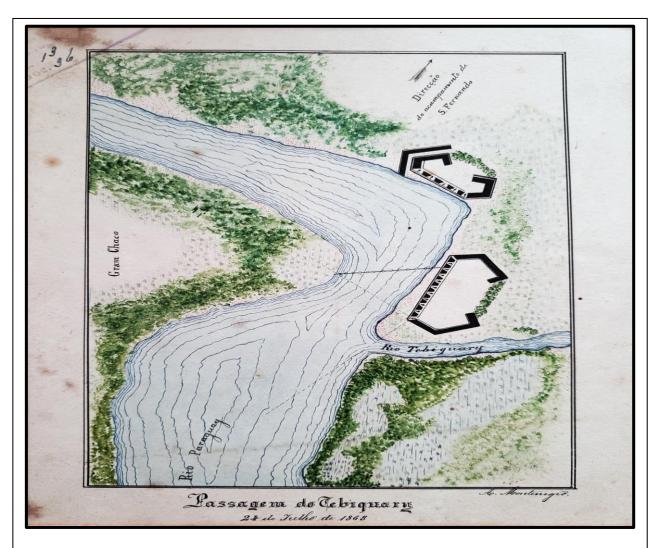
CAMPANHA DO RIO GRANDE E CORRIENTES – OPERAÇÕES DO URUGUAI – junho a setembro de 1865 (mapa de José Arthur Montenegro, completo). Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 31 x 44cm.



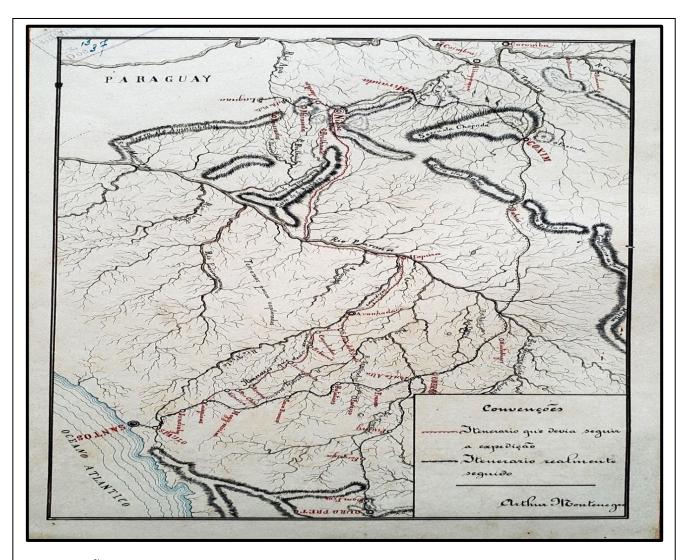
ESTERO BELLACO – 2 de maio de 1866 (Mapa de José Arthur Montenegro, completo). Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): $15 \times 22 \,\mathrm{cm}$.



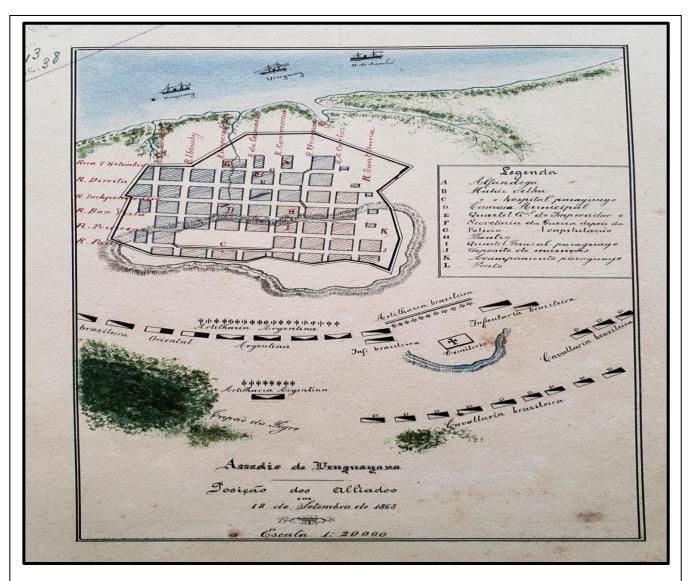
MARCHAS DE CONCENTRAÇÃO DOS EXÉRCITOS ALIADOS – junho a dezembro de 1865 (mapa de José Arthur Montenegro, completo). Dimensões da imagem: 15 x 22cm.



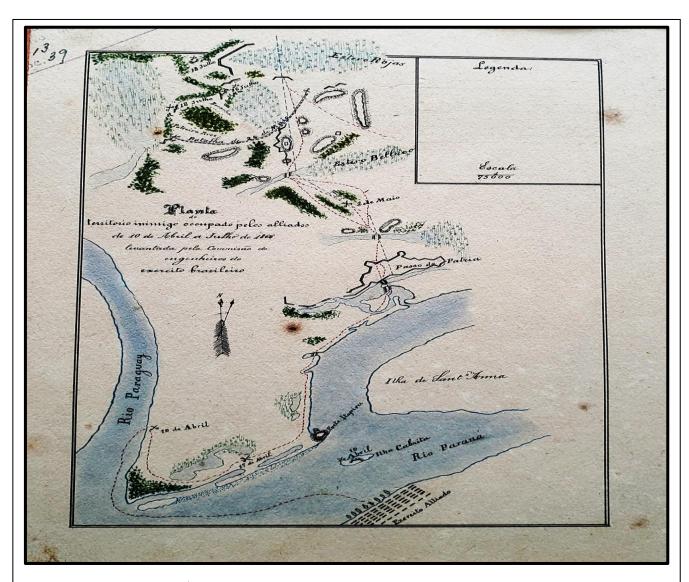
PASSAGEM DO TEBIQUARY, 24 de julho de 1868 (mapa de José Arthur Montenegro, completo). Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 23 x 15cm.



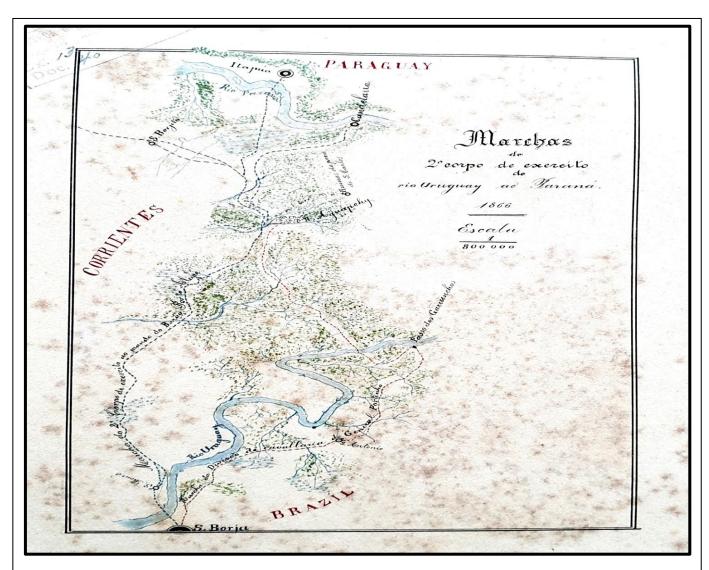
EXPEDIÇÃO A MATO GROSSO (mapa de José Arthur Montenegro, completo, com os itinerários da expedição). Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 31 x 20cm.



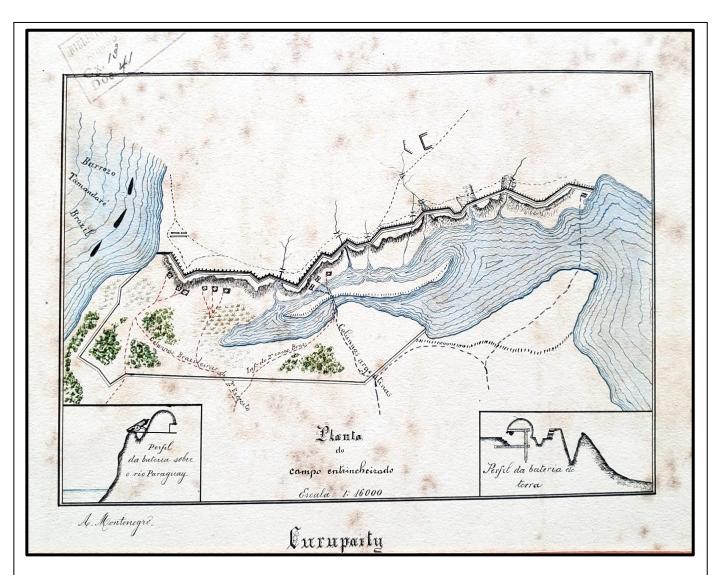
ASSÉDIO DE URUGUAIANA – posição dos aliados em 18 de setembro de 1865 (mapa de José Arthur Montenegro, completo, cópia do "Atlas", de Jourdan). O 1° Tenente Emílio Carlos Jourdan publicou no Rio de Janeiro em 1871 o "Atlas Histórico da Guerra do Paraguay", obra cartográfica fundamental sobre o conflito. Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 23 x 15cm.



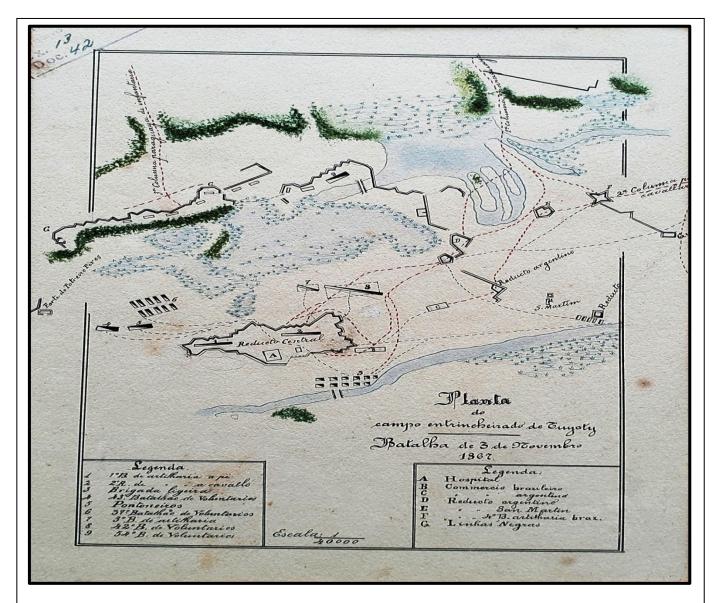
PLANTA DO TERRITÓRIO INIMIGO OCUPADO PELOS ALIADOS DE 10 DE ABRIL A JULHO DE 1866... (mapa de José Arthur Montenegro, com falta da legenda; baseado no "Atlas Histórico da Guerra do Paraguay do 1° Tenente de engenharia Emílio Carlos Jourdan. Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 15 x 22cm.



MARCHAS DO 2° CORPO DE EXÉRCITO DO RIO URUGUAI AO PARANÁ, 1866 (mapa de José Arthur Montenegro, completo, baseado no "Atlas Histórico da Guerra do Paraguay" de Emílio Carlos Jourdan). Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 15 x 22cm.



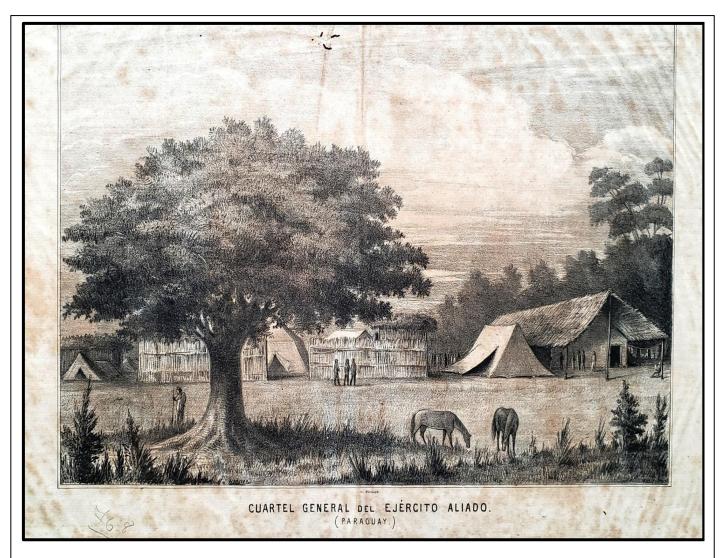
CURUPAITY – 22 de setembro 1866 – (mapa de José Arthur Montenegro, completo, idêntico ao do "Atlas Histórico da Guerra do Paraguai", de Emílio Jourdan, mas com ligeiras alterações). Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 15 x 22cm.



PLANTA DO CAMPO ENTRINCHEIRADO DE TUYOTY (sic) BATALHA DE 3 DE NOVEMBRO 1867 (mapa de José Arthur Montenegro, completo, copiado do "Atlas História da Guerra do Paraguay" de Jourdan). Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 15 x 22cm.



VISTA GERAL DO TEATRO DE GUERRA FEITA A — VOO DE PÁSSARO — pelo aeronauta americano o Sr. James Allen. Esta vista abrange todo o antigo acampamento alliado e quadrilatero paraguayo, fortificações de Curuzú, Curupaity, Humaitá e Timbó, posições de Laureles, Tuyuty, Tuyucuê, Parecuê, Tajy, Estabelecimiento Villa do Pilar, S. Solano e Porto Elisiario, caminho de ferro no Chaco, lugares onde desembocam os rios Tebiquary, Nhembuci, Vermelho, Hondo, Riacho do Ouro e Arroio Quiá, posições onde se achavam as esquadras encouraçada e de madeira antes da passagem de Humaitá, etc, e mais a indicação de todos os movimentos operados depois da ultima ascenção do balão, segundo os desenhos e mappas remettidos do theatro da guerra pelos correspondentes da "A Vida Fluminense". Suplemento distribuído aos assinante da "A Vida Fluminense" na edição de 4 de julho de 1868. Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 45 x 53cm.



CUARTEL GENERAL DEL EJÉRCITO ALIADO (PARAGUAY) sem identificação de local ou ano. Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 30,5 x 42cm.



ATAQUE DE LOS PARAGUAYOS AL 5 DE LINEA EM LA BATALLA DE ITA-IVATÉ (também chamada de Lomas Valentinas com mais de um confronto ocorrido entre 21 a 28 de dezembro de 1868). Gravura de Alfredo Paris publicada no livro de José Garmendia. "Recuerdos de la Guerra del Paraguay". Buenos Aires, 1884. Dimensões da imagem (sem moldura ou cartonado): 36,5 x 50cm.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



BATALHA NAYAL DE RIACHUELLO



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Fundação para a Ciência e a Tecnologia





edicoesbibliotecariograndense.com



ISBN: 978-65-87216-02-7